



Perseverança, força de vontade e "garra" — tais são as características das mulheres que trabalham em Goiás, entrevistadas pelo DM. A maioria possui baixo nível de escolaridade e estão empregadas no setor de serviços ou comércio. Trabalham fora de casa mais por necessidades de sobrevivência que por realização pessoal.

Já as mulheres que ocupam postos mais elevados, tanto em empresas públicas, como em instituições particulares, geralmente possuem nível universitário. E mesmo pertencendo à classe mais aquinhoadas, na maioria dos casos, procuram aliar a realização no trabalho profissional às necessidades financeiras. De qualquer modo, quase todas afirmam que a maior dificuldade em encontrar estabilidade no emprego é gerada pela sua condição de "casada", apontando este como sendo o maior preconceito dos empregadores.

A "condição de mulher", além de sujeitá-las aos "galanteios" e "piadinhas" dos machões (que ainda são muitos), provoca os ciúmes dos colegas de serviço, principalmente quando uma delas sobressai dentro da empresa. Em Goiânia, a mão-de-obra feminina está empregada, predominantemente, nos serviços de limpeza pública, nas lojas de comércio e nos órgãos pú-

blicos. Ainda não são muitas as mulheres que ocupam cargos considerados "para homens" (como chefia administrativa, por exemplo), embora sua participação venha crescendo ultimamente.

CAPACIDADE E APTIDÃO

"Estou há muito tempo no mesmo nível de competição com os homens e creio que em qualquer ambiente eles têm caminho mais aberto que a mulher. De um homem não é questionado sua capacidade, até que ele mesmo demonstre ser incapaz. Com a mulher ocorre justamente o contrário. Sempre se ouve a célebre pergunta: "Será que ela é capaz? Como o homem já encontra as portas mais abertas, é claro que para nós, mulheres, fica mais difícil nos impormos profissionalmente, inclusive pela própria mentalidade da sociedade".

Quem afirma é Ilda Maria Coimbra, assessora técnica de Cooperativismo e primeira mulher a ocupar um cargo estadual na Emater/GO. Ilda é advogada e licenciada em Ciências Sociais (além de ser enfermeira formada) e trabalha na Emater há 22 anos. Afirma que o trabalho, para a mulher, desgasta muito mais em função das constantes pressões a que está sujeita. Na sua opinião, "o mais difícil para a mulher não é ser mulher. É manter a garra".

CONFIANÇA E SIMPATIA

Mesmo ocupando um posto de nível (chefe de seção), quando resolveu se casar, a bancária Elizabeth Fernandes Silveira enfrentou sérios obstáculos para permanecer no Bradesco. Hoje, com 12 anos de casa, é uma das primeiras mulheres a alcançar a subgerência daquela instituição financeira. É uma das raras nessa posição em Goiânia. Elizabeth tem três filhos e afirma que depende da própria mulher conciliar a gravidez e a família com o trabalho fora de casa.

Afirma que as pressões e o próprio temor em perder o emprego lhe deram uma vontade maior de trabalhar e diz que é nessa época que a mulher deve demonstrar "que gosta muito do que faz". A sub-gerente da agência Central do Bradesco conta que no início de carreira houve resistência dos colegas em aceitá-la, mas aos poucos conseguiu vencer. Aliando simpatia, eficácia e capacidade pessoal, Elizabeth diz ser ainda preciso "uma certa habilidade" para evitar as "cantadas" de um ou outro cliente. O que aconteceu apenas esporadicamente. Lembra que a posição em que hoje se encontra "foi difícil de alcançar", mas que tudo dependeu dela própria. Confiante, abre um sorriso e afirma: "O próximo passo é a Gerência, é vou chegar lá, tenho certeza".

Vendendo e limpando

"Não é difícil conseguir emprego. Minha única dificuldade foi por eu ser casada. Os patrões não querem empregar a gente, porque ficam logo pensando nos filhos que vamos ter", desabafa uma das 18 vendedoras da Paulistana Modas, Isaura Souza Rodrigues, 27 anos. Há quatro meses ela e sua família (tem um filho) saíram de Jataí. Afirma que no interior a situação para a mulher que quer conseguir trabalho é ainda pior que aqui na Capital ("A mulher lá é mais explorada, ganha menos"), acentuando, porém, que "o homem, em qualquer lugar, sempre tem mais chance de emprego".

A vendedora de roupas conta à reportagem que trabalha como assalariada para ajudar o marido e também porque gosta, pois "o serviço valoriza a mulher". Com o segundo grau incompleto, acha improvável conseguir uma colocação melhor. Hoje, Isaura ganha por mês entre Cr\$ 18 e 20 mil, somando seu salário mais comissões extras.

Uma outra vendedora, das Lojas Americanas, esquivou-se de responder à maioria das perguntas, temendo receber represálias por parte da gerência da casa. Trabalhando no setor de bijouterias, a vendedora contou rapidamente que estava naquele emprego "porque é a única coisa que sei fazer", embora tenha afirmado que frequenta o curso de Contabilidade. Disse que ainda não adquiriu experiên-

cia em trabalhar fora, pois esse é seu primeiro emprego.

O caso de Maria de Lurdes Nascimento, 57 anos, não é muito comum. Ela é vendedora de fichas telefônicas (a pioneira no ramo) na Praça do Bandeirante. Aposentada e com o marido "ausente há 16 anos", Maria de Lurdes conta que tem três filhos para sustentar e que por isso se conforma em trabalhar diariamente das sete da manhã às 10 da noite. Por ser mulher e ficar exposta ao público, afirma que já foi muito insultada e maltratada. Com instrução mínima, diz que trabalhou como faxineira no Centro Administrativo.

Depois de servir como copeira num hospital, e numa fábrica como auxiliar de engarrafamento, Evani Souza Neves — assim como centenas de outras mulheres na Capital — hoje é gari, encarregada da limpeza pública. Afirma que não encontrou maiores empecilhos para conseguir empregar-se na Prefeitura. Evani trabalha para sustentar seus quatro filhos. Viúva, 46 anos, Evani ganha Cr\$ 16.200,00 mensais, o que, segundo ela, "dá apenas pra quebrar o galho da família". Diz que gostaria de trabalhar também à noite, mas que é impossível pois todos os seus filhos são pequenos. Ela cursou a primeira série do 1º Grau e acha que não pode arrumar outro serviço "porque só sei assinar meu nome".

Um lugar ao sol para o 2º sexo

As sociedades antigas, fundadas sobre a força e a vitória das armas, jamais apreciaram o papel realizado pelas mulheres. Nessa época, eram elas que asseguravam o vestuário, a alimentação, a iluminação, o aquecimento, sem serem socialmente agradecidas. Quando, mais tarde, essas mesmas sociedades se lançam na industrialização e na batalha econômica, procuram, em grande escala, afastar as mulheres da produção.

Sempre indispensáveis — porque geram os filhos e tratam da casa — reunindo as condições necessárias para que os homens possam agir, as mulheres nem por isso deixaram de se tornar, cada vez mais, economicamente marginalizadas. Na atual corrida por uma produção máxima, empreendida, com maior ou menor êxito, por todos os países evoluídos, a consciência da inexploração parcial do potencial feminino começa a se fazer sentir.

Quanto mais instruídas as mulheres, mais elas trabalham, isto é, o nível de participação ativa da mulher acompanha o seu grau de instrução. Só essa conclusão já bastaria para que se preconizasse que em toda a parte aumenta sensivelmente o número de mulheres em busca do trabalho. No Ocidente, apesar da evolução visível porque passa o mercado de trabalho, a mão-de-obra feminina não é encarada ainda como uma força propriamente dita, mas sim como uma mão-de-obra de recurso, uma espécie de válvula de segurança para o mercado de trabalho.

Basados nesse ponto de vista, alguns estudiosos do assunto vêem com receio o futuro da mulher no mercado de trabalho. Há um temor de relação ao destino profissional de todas as futuras diplomadas, que estaria dependente não de seus dons ou esforços, mas das opções econômicas e políticas dos países que as formarem. Nos países capitalistas, por exemplo, é comum observar-se que a capacidade feminina não é tão importante quanto o rendimento, o prestígio e o potencial energético masculino.

PRECONCEITOS

"A mulher é a beleza, a graça, não pode nem deve, portanto, gastar-se no trabalho", diziam os antigos aristocratas, esquecendo-se que as mulheres, como demonstra a História, sempre foram trabalhadoras, mas socialmente não foram tratadas como produtoras. Por isso, até o século XIX os historiadores encontraram poucos vestígios da mi-



lenar atividade feminina. As tarefas realizadas pelo mulher nunca foram as que as épocas valorizaram, pois nem sempre o trabalho foi considerado como um valor em si, e só era reconhecido caso a atividade produtiva fosse também rentável.

Ainda hoje é comum a sociedade não reconhecer uma atividade como a de doméstica por ela não ter a "aparência" de trabalho, tendo em vista que não segue certas normas masculinas que o trabalho "deve" ter. Com as dificuldades que o mundo atravessa e em decorrência da própria conjuntura econômica atual, a própria burguesia está tratando de destruir o mito da "condição feminina". Hoje, cada burguês prepara sua filha para uma eventual profissão, enquanto que até pouco mais de uma década sua única preocupação era "prepará-la" para o casamento.

A história do trabalho das mulheres é bem diferente da história do trabalho dos homens, embora o seu desenrolar apresente evoluções similares. Tal como os homens, as mulheres conheceram a mesma história social do trabalhador, das técnicas, dos utensílios, dos materiais de produção e da organização. Contudo, nem isso pôde eliminar as diferenças profundas que sempre existiram, e ainda persistem, entre o trabalho da mulher e o trabalho do homem.



Para Isaura Rodrigues, vendedora, "o homem tem sempre mais chance que a mulher"



Comercializando fichas telefônicas na Praça do Bandeirantes; Maria de Lurdes diz que já foi muito maltratada pelas pessoas



Embora curse Contabilidade, a encarregada do setor de bijuterias das Lojas Americanas afirma que ali trabalha porque é só o que sabe fazer

Um tema em questão

Para esclarecer o pensamento do Ministério do Trabalho a respeito das futuras alterações na Consolidação das Leis do Trabalho, o DM ouviu o delegado desse órgão em Goiás, Gonçalo Bezerra Lima.

DIÁRIO DA MANHÃ — Delegado, o que vai ser alterado na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) com relação especificamente às normas que regem o trabalho da mão-de-obra feminina no país?

GONÇALO BEZERRA — Eu só tenho uma informação geral sobre as prováveis modificações da CLT. Agora, o que se relaciona com o trabalho da mulher, a modificação que está proposta é a permissão dela trabalhar horas extraordinárias, porque hoje a mulher está proibida de trabalhar em quase todas as atividades, porque é isso que está na legislação. Quer dizer, a mulher não pode trabalhar à noite, não pode fazer horas extras porque é um problema da lei.

DM — E o que resultará da concretização destas modificações?

GB — Vai resultar na maior abertura do campo de trabalho para a mulher.

DM — Como delegado do Trabalho, em sua opinião o que precisaria ser alterado dentro da CLT?

GB — O que deve ser alterado são os tópicos relacionados ao trabalho feminino porque a mulher hoje é uma força de trabalho expressiva. Ela está limitada ao trabalho diurno e impossibilitada de trabalhar horas extraordinárias. E temos que ver que hoje a mulher está equiparada ao homem.

CRECHES

DM — Um dos principais entraves para a mulher que trabalha fora é a ausência de creches no local onde trabalha. A manu-

tenção de uma creche pelos empregadores está prevista em lei. O MT está fiscalizando o cumprimento deste item?

GB — O problema é que existe na CLT um item dispondo que as empresas que empregam mais de 30 mulheres deverão manter creches. Mas isso depende de uma regulamentação que nunca houve. Por isso fica difícil para nós fiscalizarmos e não temos condições de obrigar as empresas a cumprirem tal dispositivo. Mas essa é uma preocupação do Ministério do Trabalho.

DM — O senhor conhece, aqui em Goiás, alguma empresa que mantenha uma creche? Como acha

que o problema atinge a trabalhadora goiana?

GB — Não, que eu tenha conhecimento não existe tal empresa. A falta de creches realmente constitui-se numa das dificuldades para a maioria das mulheres que trabalham fora, porque se houvesse, seria muito mais fácil para ela arranjar um emprego.

DM — Em termos de economia, a existência de creches para os filhos das mulheres assalariadas viria definitivamente favorecer o incremento da participação feminina no mercado de trabalho regional?

GB — A mulher representa uma força de trabalho. As vezes ela não



Bezerra: "O serviço público dá o exemplo, não praticando qualquer restrição à mulher que trabalha em suas empresas"

Dignidade e coragem

Telma

Eram 7 horas da manhã e Telma Pierre Rigaud exibiu com bastante entusiasmo a notícia do jornal, que dizia: A diretoria da Rádio Frigor, fabricante de refrigerantes industriais, assinou ontem (31 de agosto) acordo com a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, pelo qual fica criada a figura do delegado sindical.

Há quase quatro anos, Telma trabalha na Rádio Frigor como controladora de qualidade. Tem um salário considerado bom, em relação às suas demais companheiras: 30 cruzeiros por hora. Mesmo assim, assegura que seu salário "não dá pra nada".

"As mulheres são to-

das combativas — disse Telma no nosso Congresso — basta que tenham oportunidade e deixem de ter medo de perder o emprego. E eu acredito que, agora, depois deste encontro de três dias aqui no Sindicato, as metalúrgicas estarão mais conscientes de que precisam se unir à classe para fortalecer a categoria".

Com a assinatura do acordo que cria a figura do delegado sindical, a Rádio Frigor será a primeira firma a cumprir uma antiga reivindicação do movimento sindical. E Telma, que exerce essa função, provisoriamente, deve se candidatar ao cargo, nas eleições do dia 20 de setembro. Assim, quem sabe Telma Pierre Rigaud venha a ser a primeira delegada sindical da história dos metalúrgicos. Oficialmente,

**Nenhuma teoria substitui a vida.
Nestes depoimentos de companheiras,
o retrato de nossa situação de hoje.
O sofrimento, a dignidade, a luta.**

Inácia

"A mulher só tem servido, para o patrão, de instrumento de divisão da categoria. Ela toma o lugar dos companheiros e nem mesmo o salário que ganha dá pra ajudar em casa, pois é gasto no pagamento das creches que todas as fábricas deveriam ter mas não têm." Com essas palavras, Inácia Cabral de Lima abriu o 1.º Congresso da Mulher Metalúrgica de São Paulo em que foi escolhida para representar a categoria.

Dia 8 de agosto, falando pouco para completar um ano de trabalho, Inácia foi demitida da Eletroparts, onde trabalhava como mon-



A história deste Congresso começa na porta da fábrica

tadora. E ainda sem receber seus direitos, já que alegaram justa causa.

A demissão, porém, não ahallou Inácia que demonstra bastante coragem para enfrentar os tranços da vida. Apesar de ter apenas 25 anos já tem cinco filhos que dependem do seu trabalho. E, como afirmou, "não era aquele salário baixo que modificava tanto nossas condições de vida".

Das 5.800 metalúrgicas sindicalizadas — explica Inácia — um grupo muito pequeno participa ativamente dos trabalhos do Sindicato. Isso não pode continuar assim. Por isso, eu acho de muita importância este Congresso. Mesmo porque eu trabalhei nas portas de fábrica e vi como as mulheres se entusiasma e querem participar. Mas é que existem muitos problemas ainda e a mulher tem medo de perder o emprego. Agora, pouco a pouco, isso vai acabar. Com esse Congresso a mulher vai ficar mais ativa e, tenho certeza, vai ajudar muito na Campanha Salarial.

Cida

"O 1.º Congresso não foi a água com açúcar que muita gente pensava que ia ser. Foi, sim, uma maneira de mostrar o nível de consciência da mulher operária e que é bastante elevado."

Essa é a opinião de Aparecida Malavasi, 25 anos, mãe de um menino de 3 anos, esposa de metalúrgico e uma das mulheres mais ativas do nosso Sindicato.

Cida, como é mais conhecida, diz ainda que

considerou este encontro um ato político de grande significação. "Acho isso pela importante participação dos anistiados David Gôngora e Elza Monerat. Eles vieram desmistificar o termo Anistia que não é um hicho de sete cabeças. As mulheres, principalmente as que não frequentam o Sindicato e ficam isoladas, consideravam os presos políticos como verdadeiros terroristas. Então, elas viram que não é assim, que foram presos porque lutavam ao lado do operário."

Atualmente, Cida está sem emprego mas tem trabalhado, há muitos anos, em diversas empresas metalúrgicas e testemunhado as péssimas condições que a mulher enfrenta como trabalhadora. Cita, por exemplo, a Metalúrgica Brasileira Ultra onde constatou que para ser admitida a mulher precisa mostrar o Modess para provar que não está grávida.

"Mas muita coisa vai mudar a partir deste Congresso. Ah! se vai!"

Nair

Salário igual para trabalho igual. Para Nair Maria de Jesus essa é uma reivindicação que precisa fazer parte do elenco da atual Campanha Salarial.

Nair, 28 anos, casada, um filho e inspetora de qualidade formada, nunca conseguiu um emprego em que ganhasse mais do que a metade do salário que é pago para um companheiro de mesma profissão. "Foi com bastante sacrifício que frequentei um curso de inspetora de qualidade, durante 6 meses. Mesmo assim, nunca consegui ga-

nhar mais do que 25.60 por hora, enquanto homens com a minha profissão chegam a ganhar 45.50.

Mas a situação ainda está mais grave atualmente, segundo conta Nair que foi despedida da D.F. Vasconcelos, há alguns meses, porque ficou grávida. "E isso ainda não é tudo. A discriminação com a mulher é tanta que eu acabo de fazer teste na Metalúrgica Jurubatuba, fui aprovada e eles não me admitiram porque eu sou mulher. E disseram isso na minha cara!"

E por essas e outras coisas que acontecem que Nair garante que o Congresso não serviu para dividir a categoria, como previam alguns. "Pelo contrário, nos uniu muito mais, porque todos viram que nossos problemas não são somente das mulheres mas de todos os metalúrgicos. Como no caso da minha profissão, onde os patrões pagam a metade, pelo mesmo serviço. Isso afeta também o homem metalúrgico. E, para acabar com isso, temos que nos unir e resolver juntos."

O METALÚRGICO

Órgão Oficial do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo.

Diretor Responsável: Joaquim dos Santos Andrade. **Produção:** ORE Editorial / Jornalismo Sindical. Rua Caetés, 84 - Perdizes - SP. CGC - n.º 51.233.203/0001-69. **Jornalista Responsável:** Sergio Gomes Arce. **Arte:** Jaime Prades Fatos. **Ricardo Alves Reportagem:** Daise Gabriel. **Composição e impressão:** Empresa Jornalística Comércio & Indústria - Rua Dr. Almeida Lima, 1.384 - Morca - SP. Tiragem: 60 mil exemplares.



Doas mãos e o sentimento do mundo. A felicidade será uma conquista.

Mulher ganha 42% a menos

Com o Dieese é preto no branco, não tem esse negócio de "acho", "parece que é", coisas assim. O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, órgão de pesquisa mantido pelas entidades sindicais, consultou as guias de imposto sindical de todas as trabalhadoras metalúrgicas das 13 mil empresas da Capital e provou que as mulheres ganham 42% menos que os homens.

Provou, por exemplo, que 83% das mulheres ganham menos do que Cr\$ 28,35 por hora, e que nessa faixa de salário se encontram 51%

dos homens. Provou, ainda, que apenas 11% das mulheres ganham entre Cr\$ 28,35 e Cr\$ 47,25 por hora (enquanto 25% dos homens estão nessa faixa) e que

apenas 2% das mulheres ganham mais de 10 salários por mês. Dados mais completos dessa pesquisa serão divulgados no próximo número de "O Metalúrgico".



Hoje, o dia internacional da mulher

IREDE CARDOSO

Hoje é o Dia Internacional da Mulher. Enquanto cada um lê essa matéria, milhões de mulheres, em todo o mundo, comemoram essa data com reflexões, com debates, com greves, com festas, com teatro ou música. Não que a situação da mulher mereça ser festejada. Mas a mulher merece ser comemorada de alguma forma. Nos países onde as organizações feministas encontram-se mais desenvolvidas, têm força e tradição, as manifestações são muito mais significativas, evidentemente. Aqui, não só a grande maioria das mulheres não festeja tais datas, como sequer sabe da existência desse Dia.

E, no entanto, hoje, aqui em São Paulo e em todo o Brasil, milhares de grupos de mulheres estão, de alguma forma, comemorando seu dia. Em São Paulo, as comemorações estão sendo centralizadas por dois grupos antagônicos. As que organizaram o 1.º, 2.º e 3.º Congressos da Mulher Paulista estarão, a partir das 18h30, no Teatro Anchieta, para, através de pequenas peças teatrais, mostrar o que está sendo feito e o que vai ser programado para o ano que se segue. Um show musical, com Maricene Costa, slides e textos, mostrará a concepção que o Brasil musical teve e tem da mulher, a partir de pesquisa realizada pelo estudioso José Ramos Tinhorão. Vale a pena ver e a entrada é gratuita.

O outro grupo optou por uma marcha pela cidade.

Nossa situação

Ano após ano, vemos crescer o espaço para a mulher que trabalha, para a mulher que ganha menos que o homem executando as mesmas funções, para a mulher que ainda é tida como responsável única pela maternidade e tarefas domésticas, para a mulher que é acusada injustamente de uma série de fatos sociais, nos meios de comunicação. Esta "Folha" é um dos espaços mais avançados, mais de vanguarda e que, há anos, vem acolhendo matérias que mostram a situação da mulher brasileira, suas reivindicações e frustrações, em termos



Bertha Lutz.

de situação social. Foi o primeiro e é o único jornal da grande imprensa a reconhecer as exigências dessa nova geração de mulheres e a criar uma seção de Feminismo.

A presença constante da mulher que pensa, da que reivindica, nos meios de comunicação, é uma prova definitiva de que uma nova mentalidade chegou para ficar. É uma mentalidade que reconhece a mulher como um ser humano com direitos iguais aos do homem, com a mesma capacidade de trabalho, com a mesma responsabilidade.

E os problemas que temos a destrinchar em conjunto são enormes. O ministro do Trabalho Murilo Macedo anunciou, recentemente, em Belo Horizonte, a propósito da elaboração do Código de Trabalho que virá a substituir a CLT, que os dispositivos contidos nesta última, relativos à proteção do trabalho da mulher, serão revistos.

Na verdade, não podemos nos omitir dessa discussão e das propostas de mudanças atualmente em elaboração. Juntamente com sindicatos e outros setores democráticos da sociedade, o movimento de mulheres tem muito a dizer sobre essa legislação. Mas, antes mesmo de pensar em mudanças, a questão que nos preocupa é saber se a lei atual é cumprida. As mulheres que ocupam os mesmos cargos que homens recebem os mesmos salários? Mulheres e homens casados têm a mesma oportunidade de emprego? A gravidez é ou não motivo de dispensa?



Eva Blay.

E quando a mulher sofre essas discriminações — o que é uma constante — a quem recorrer? Aos nossos sindicatos atrelados? E o medo de perder o emprego? E a falta de segurança de que ganharemos essas causas? Quanto tempo ficaremos desempregadas, quando processamos uma empresa?

Sem sombra alguma de dúvida, a resposta a essas questões evidencia que a CLT não é respeitada, não é aplicada, nem mesmo pelas empresas públicas que deveriam ser as primeiras a "dar o exemplo".

Um tribunal

Como não dispomos de um órgão governamental que nos defenda, como existe na França e em países mais avançados, partimos para uma nova proposta. Mulheres de vários grupos criaram o Tribunal Bertha Lutz, com a finalidade de denunciar todas as discriminações sofridas pelas mulheres, na área do trabalho.

Quando se fala em Bertha Lutz, ficamos admiradas ao perceber que muito pouca gente sabe quem foi essa mulher cheia de valor e que não mediu esforços para lutar pela causa da mulher brasileira. Há muitos livros a respeito dela e gostaria de recomendar sua leitura. Também abordei um pouco de sua vida em meu último livro. Bertha Lutz, filha de Adolfo Lutz, foi deputada eleita pela seção feminista do Partido Autonomista e foi quem conseguiu, através de ampla mobilização, o voto para a mulher brasileira. Ela também se preocupou muito com a legislação trabalhista e seu trabalho merece um bom estudo.



Maricene.

O Tribunal realizará sua primeira sessão pública no dia 29 de maio próximo e julgará casos concretos de discriminação. Nessa sessão ouviremos depoimentos de grande importância para o julgamento do assunto: juristas, advogados, trabalhistas, sindicalistas, sociólogos e muitas mulheres que sofreram na pele a discriminação. Ele funcionará em permanência, recolhendo depoimentos, fazendo estudos e elaborando propostas. Uma vez por ano, o Tribunal instalará sessões públicas de denúncia, onde todo esse material recolhido será apresentado e julgado; o Tribunal visa também prestar solidariedade ativa a todas as mulheres discriminadas e propor soluções que possam, desde logo, melhorar suas vidas.

Se a lei existe, é para ser respeitada. Cada uma de nós deve estar consciente de seus direitos e reivindicá-los. Assim, estaremos colaborando para melhorar, de fato, a situação de todas as mulheres. Eu própria fui convidada a prestar um depoimento sobre toda essa discriminação que nos oprime no exercício de nossas vidas profissionais. Por isso, convido as leitoras que tiverem um caso de discriminação a denunciar, que me escrevam, aqui mesmo para a "Folha".

Esse Tribunal está sendo organizado pela Associação de Mulheres Jany Chiriác, morta tão jovem e que tanto trabalhou por nós, essa amiga; pela Frente de Mulheres Feministas, Brasil Mulher e Nós Mulheres. A adesão é individual e qualquer mulher interessada poderá dar sua contribuição, bastando, para isso, procurar os seguintes endereços: rua Cardeal Arcoverde, 2.109, Pinheiros, ou telefonar para 814-5773. Aproveitem.

Várias personalidades convidadas a participar já deram sua adesão, para

depor em mal: o jurista Hélio Bicudo, o ex-ministro do Trabalho Almino Afonso, o economista Paul Singer, a doutora Eva Blay; a pesquisadora Fúlvia Rosenberg, além de Felícia Madelra, Silvia Pimentel, todas elas grandes batalhadoras. E, além disso, muitos convites estão sendo feitos na área sindical.

Serviços

Creiam todas que este dia 8, que é nosso, está mostrando as mulheres com muita garra. Continuamos também batalhando pela modificação do nosso Código Civil e, não se esqueçam, precisamos da força de cada uma das mulheres: estamos desenvolvendo um trabalho muito bonito de planejamento familiar, gratuito, na Casa da Mulher, à rua Almirante Marques Leão, 803, feminista, político e médico. O SOS continua a dar inestimável ajuda às mulheres agredidas e a Associação de Mulheres oferece plantão para ajuda de saúde. Creio que crescemos e crescemos porque nos sentimos todas juntas, sem discriminação, na busca de uma vida digna para as mulheres. E esse mesmo movimento cresce muito no Rio, em Minas, nas cidades do Interior, nas capitais. No ano que vem, estaremos fazendo um balanço de todas essas atividades e já sabemos que nossos esforços nunca terão sido vãos. Viva o nosso DIA: que ele signifique que estamos vivas e prontas, sempre, para atuar nessa nossa realidade, de forma que ela melhore sempre, no caminho da justiça social, contra qualquer tipo de discriminação.

Nas ruas de Paris, a luta pelos direitos da mulher

PARIS — Hoje, os jornais da televisão francesa serão realizados e apresentados somente por jornalistas do sexo feminino. Em todos os tribunais do país os juizes darão prioridade aos processos defendidos por advogadas. Os serviços públicos decidiram que suas funcionárias mulheres não precisam trabalhar, e autorizaram o feriado a fim de que possam participar das inúmeras manifestações, passeatas, comícios, reuniões e debates sobre a condição feminina convocadas pelo Movimento de Libertação da Mulher, pela União das Mulheres Francesas e pela Escócher.

A finalidade destas jornadas feministas que estão movimentando dez milhões de mulheres em todo o país é obter dos poderes públicos a garantia de que dia 8 de março, o Dia Internacional da Mulher, será feriado de agora em diante.

As feministas francesas aproveitaram a celebração da data em que a primeira greve de mulheres foi bem sucedida — no dia 8 de março de 1857 as costureiras de Nova York saíram às ruas protestando contra os salários inferiores aos dos homens — para levar aos poderes públicos uma lista de reivindicações que compreendem não só a igualdade de salários, o reconhecimento da liberdade de dispor do próprio corpo através da denúncia dos crimes de estupro e das agressões sexuais, como a remuneração do trabalho doméstico, 52 por cento do poder de decisão em nível político, familiar e profissional — pois as mulheres formam 52 por cento do eleitorado — e a criação de um código do Direito Feminino, que mais tarde será transformado em Carta Universal dos Direitos da Mulher.

BRASILEIRAS

Para apoiar as francesas, feministas de diversos países estão atualmente em Paris animando os debates e liderando as passeatas. Entre elas Kate Millet e a escritora egípcia Nawal el Saadui, famosa inimiga do ex-presidente Anwar Sadat, que a manteve presa durante cinco anos. Ruth Escobar e Maria Bethânia representam o Brasil. Ruth participou do foro contra a misoginia, que lotou ontem o anfiteatro da Sorbonne, e Bethânia canta hoje à noite na sala nobre do Mutualité.

O foro contra a misoginia deu a primeira amostra do teor dos debates feminis-

ANY BOURRIER
Correspondente

tas. Mas de duas mil mulheres sentaram-se nas arquibancadas da Sorbonne para discutir com representantes dos principais grupos feministas internacionais as relações entre a mulher e o Estado, entre os movimentos revolucionários e a sociedade patriarcal, e para elaborar um futuro Código da Família, no qual o papel da mulher não será mais o que a História lhe reservou durante séculos.

DIVISÕES

Embora as discussões do foro contra a misoginia tivessem ultrapassado o tempo previsto, tal foi o êxito do debate, a discussão mostrou com muita clareza que existe um abismo entre as militantes feministas do Norte e do Sul, ou seja, a linguagem e as teses das ativistas dos países ricos e industrializados diferem profundamente dos objetivos e dos meios de ação das terceiromundistas. Para as primeiras, o feminismo não deve ser um movimento político, mas sim um grupo de pressão para obter determinadas melhorias na vida diária da mulher. Por isso, os propósitos das militantes francesas, alemãs ou americanas são sempre relacionados com a situação econômica e social de seus respectivos países, limitando-se a exigir melhores salários, mais ofertas de emprego para as mulheres ou mais creches para as crianças.

As representantes dos países em desenvolvimento — tanto as latino-americanas quanto as de cultura islâmica — pretendem encaixar a luta feminista dentro dos movimentos políticos de libertação nacional, e o discurso altamente dogmático de Glória Carrión, da Nicarágua, foi uma demonstração perfeita desta postura.

— O feminismo substituiu a luta de classes em nossas sociedades atrasadas e patriarcais — afirmou Glória Carrión, sem ser aplaudida pelas participantes europeias do foro, porque as preocupações não são as mesmas.

— É um erro querer politizar o movimento, e só falar da luta das mulheres contra tal ou tal governo — exclamou Antoinette Fouques, indicando que, apesar de compreender as dificuldades de suas irmãs que lutam em frentes revolucionárias no Irã ou em El Salvador, não credi-

tam que esta seja a melhor forma de acabar com a misoginia.

DESFILE

Hoje, as participantes do foro desfilam pelo centro histórico de Paris, da Praça da República até a Praça da Bastilha, e a passeata termina no fim da tarde, no momento exato em que Maria Bethânia pisa no palco do Mutualité. Para as feministas francesas, o conjunto de manifestações já é um sucesso, pois o presidente François Mitterrand recebe hoje uma delegação de mulheres e se declara disposto a ouvir suas reivindicações.

A greve geral das mulheres, decretada pelas líderes feministas, não tem muitas chances de êxito porque, embora se sinta a favor do combate por mais direitos e mais poder, a maioria das francesas não considera a condição feminina no país tão má assim.

Como prova de que a sociedade francesa não é "machista", levantam dados que indicam ser o poder feminino uma realidade no país há várias décadas. Por exemplo, só existem duas profissões em que as mulheres não estão representadas, as de pescador e de operário de construção de estradas. As mulheres decidem eleições na França, pois já ultrapassaram 52 por cento do eleitorado. Há atualmente seis mulheres ministras, 28 deputadas, nove senadoras, mais de mil prefeitas, e nos partidos elas exercem cargos de chefia num percentual que varia de 15 por cento (partido UDF, de Jacques Chirac) até 35,7 por cento (Partido Comunista).

No que diz respeito ao sucesso profissional, as mulheres estão se destacando num papel que até há pouco tempo era reservado aos homens: o de diretor-presidente de grandes empresas. Assim, a firma Wattermann, maior fabricante de relógio e isqueiros do país, é dirigida por uma bela loura, Francine Gomez. A Cartier, maior exportador de jóias da França, tem em sua direção a charmosa Nathalie Hocq. A lei de estatização dos grupos industriais mais fortes do país colocou na direção de um banco uma mãe de cinco filhos.

A França tem campeãs femininas de pára-quedismo, de box, mulheres piloto que dirigem aviões de combate Mirage, e a primeira almirante da Marinha foi nomeada recentemente.

Mundo põe em debate os problemas da velhice

SAO JOSE, Costa Rica — No final deste século, haverá mais 10 milhões de pessoas com mais de 60 anos na América Latina. Durante este período, a população total aumentará em 65 por cento, enquanto o aumento de pessoas idosas será de 82 por cento. No Brasil, a esperança de vida subirá para 74 anos no ano 2.000.

Estas informações, divulgadas pelas Nações Unidas, fazem parte de um conjunto de problemas relacionados à velhice que serão discutidos a partir de hoje nesta cidade por especialistas do mundo inteiro na reunião preparatória para a Assembleia Mundial de Envelhecimento que será realizada em Viena, em agosto próximo.

Segundo as Nações Unidas, a América Latina, como a maioria das regiões do mundo, enfrentará um grande aumento de pessoas de idade em sua população nos próximos 20 anos. A Assembleia Mundial de Viena terá o propósito de chamar atenção especial das autoridades governamentais do mundo inteiro para os problemas associados ao aumento do número e proporção das pessoas de idade.

Em alguns países como a Costa Rica, Guatemala, Honduras, Brasil, Venezuela e República Dominicana, o número de pessoas de idade aumentará em mais de 100 por cento. As razões para isto, segundo as Nações Unidas, são a diminuição prevista das taxas de mortalidade e natalidade. A esperança de vida se duplicará, pois passará de 47 anos em 1965-1970 para 74 anos em 2.000.

Estes fatos terão sérias repercussões tanto para as pessoas de idade como para a sociedade em geral. Um número maior de pessoas com mais de 60 anos criará problemas em matéria de emprego, prestação de serviços, consumo, produção e

PAULO CÉSAR PEREIRA

Colunista especial do GLOBO

bens materiais. Em algumas áreas, como a de saúde, habitação e meio-ambiente, os problemas concretos se agravarão ao aumentar o número de anciãos. Segundo as Nações Unidas, não há programas assistenciais para as pessoas de idade em alguns países da América Latina, transformando o problema num quadro crítico e alarmante.

PROBLEMA CRUCIAL

Um problema crucial que afeta as pessoas de idade é a falta de segurança no trabalho, dizem os especialistas das Nações Unidas. Na América Latina, há um trabalhador para cada três anciãos. No entanto, na mesma região, mais de 20 por cento de pessoas com mais de 60 anos de idade estão empregados ativamente, e 45 por cento dos que têm entre 55 e 64 anos estão trabalhando.

A razão para esta expressiva participação na força de trabalho de pessoas com idade avançada está vinculada ao fato de que é limitado o alcance do seguro social, destinado apenas entre 30 e 50 por cento da população de idade avançada, segundo cada país, que oferecem benefícios desiguais entre os diferentes grupos de trabalhadores.

AS MULHERES

Segundo as Nações Unidas, as mulheres formam a maioria da população no Terceiro Mundo. Em muitos países, a esperança de vida da mulher é muito superior à do homem. Na União Soviética, nos Estados Unidos e na França, por exemplo, as mulheres vivem em média 10 anos a mais que os homens. Em Malawi, Bolívia e Bangladesh elas vivem de dois a quatro anos a mais que os homens.

Mulheres festejam data

Reivindicações e protestos marcaram as comemorações

Nas comemorações do "Dia da Mulher no Congresso", a senadora amazonense Eunice Michiles (PDS), reclamou em Brasília a presença de uma mulher no Ministério; a senadora acreana Laelia Alcântara defendeu a atribuição de "plenos direitos às mulheres trabalhadoras"; o senador Franco Montoro (PMD-B-SP) apresentou dois projetos de interesse das mulheres trabalhadoras e a deputada paraense Lúcia Viveiros defendeu-se de "insinuações mentirosas e mesquinhas" que lhe teriam sido dirigidas em panfleto cuja responsabilidade é atribuída ao PC do B.

Ao reivindicar a participação da mulher no Ministério, Michiles lembrou que quase todos os países da América do Sul "têm ou tiveram mulheres nos seus Ministérios" e que no Brasil "muitas estão altamente preparadas para o exercício dessas funções". A senadora amazonense pediu também que sejam apressadas "as medidas que estão em andamento e os estudos para a implantação no País de um programa de planejamento familiar capaz de levar à mulher de baixa renda as informações e os meios para que tenha o direito de exercer racionalmente sua maternidade".

Além dos direitos às mulheres trabalhadoras, Laelia Alcântara fez um apelo "no sentido de que se efetive, em nossa terra, em sua plenitude, o princípio garantidor à mulher casada da igualdade na condução da vida conjugal, e de norma legal que venha a amparar com eficiência a mãe solteira".

A senadora acreana repudiou a "anacrônica legislação que impede o pleno exercício da cidadania e da capacidade civil" da mulher brasileira, protestando, ao mesmo tempo, contra a discriminação de salários, entre os sexos.

Um dos projetos que o senador Franco Montoro apresentou ontem estabelece que as empresas poderão deduzir até 5% do lucro tributável, para fins de imposto de renda, as despesas comprovadamente realizadas com a instalação e manutenção de creches. A outra proposta elimina antiga discriminação contra a trabalhadora, permitindo que ela possa retirar, para fins de casamento, até a metade do valor de sua conta do FGTS.

O panfleto a que Lúcia Viveiros se referiu é de convocação para o 1.º Congresso da Mulher Paraense e em certo trecho exorta as mulheres a reagirem contra a "formação de federações pelegas e cupulistas". Depois de se mostrar atingida pelo panfleto, a oradora acentuou que "atitudes assim contribuem para desmoralizar a luta de mulheres sérias por uma situação de real dignidade e menos opressão".

EM NATAL

Cerca de duzentas mulheres, que representavam mais de cinquenta entidades do Rio Grande do Norte, realizaram no domingo uma reunião na sede da Associação Norte-Riograndense de Imprensa — Aní, para comemorar o Dia Internacional da Mulher e escolher a comissão executiva provisória que deverá organizar o Primeiro Encontro da Mulher Potiguar, previsto para agosto próximo.

A reunião, entretanto, tomou rumo inesperado, pois enquanto algumas participantes procuravam falar sobre a luta das mulheres na história, destacando a reivindicação de direitos iguais, melhores condições de vida e outras necessidades, parte delas — representantes de

Na França, lei contra discriminação de sexo

Uma lei contra a discriminação sexual e anti-racista foi anunciada ontem, em Paris, pelo presidente da França, François Mitterrand, durante a Jornada Internacional da Mulher, pela primeira vez realizada oficialmente no país, segundo despacho da AFP.

Ao receber um grupo de mulheres no Palácio do Eliseu, Mitterrand explicou as medidas tomadas e as em fase de elaboração em favor da mulher e da família, entre elas um projeto sobre a igual-

dade profissional, o que garantirá o acesso das mulheres a todos os cargos públicos.

A lei contra a discriminação permitirá que as mulheres francesas e as organizações femininas entrem com ações legais em casos de "provação ou segregação". Quanto à questão financeira, a figura do chefe de família será anulada e a declaração do Imposto de Renda poderá ser assinada por qualquer dos cônjuges, informou Mitterrand.

Socialistas abrem espaço para mulher nas eleições

RADHA ABRAMO

PARIS — Além das decisões de ordem prática anunciadas ontem pelo presidente da França, François Mitterrand, perante 450 mulheres recebidas em palácio, há uma medida de inegável importância política: nas eleições, prometeu o chefe de Estado francês, trinta por cento dos candidatos do PS serão mulheres, nas vagas das eleições regionais e municipais cujo primeiro turno se dá no domingo que vem. As mulheres têm apenas pouco mais de oito por cento das candidaturas, ao passo que nos ministérios e repartições públicas há em média uma mulher para cada três homens e assim mesmo elas ocupam posições geralmente inferiores. Há ministérios onde elas não passam da cota de 6 por cento, em outros a porcentagem é pouco mais elevada.

A decisão anunciada por Mitterrand representa um triunfo parcial das mulheres no Dia da Mulher, adotado oficialmente pelo governo francês. Outras medidas adotadas oficialmente pelo governo são a extensão, para um período mais longo, da licença remunerada para gravidez e o estabelecimento de um fundo destinado a au-

seata salu da Trinité e foi engrossando à medida que passava o tempo. O desfile do Movimento de Libertação da Mulher (MLF), muito enfeitado de bolas coloridas, cartazes, etc., recebeu palmas e vaias de grupos de mulheres encapotadas.

De resto, as TVs enalteceram os feitos das mulheres desde as primeiras programações de ontem, não escondendo porém que as mulheres eram mostradas como se fossem exceções. Mulheres que trabalham ou que escrevem e estudam foram mostradas; talvez involuntariamente, como se fossem exceções, como se fossem vaquinhas de presépio. Se as mulheres se mostraram nas ruas ontem, valentes e decididas, gritando seus slogans e defendendo seus direitos, na televisão francesa elas foram mostradas como verdadeiras bobocas representando para um público masculino. Isso pode significar que a mulher que procura a igualdade de direitos ainda não está consciente de que tem direito à igualdade de direitos. Ela luta, mas não tem consciência disso.

A decisão de François Mitterrand, de garantir às mulheres que elas terão trinta

Os protestos no Dia da Mulher

FSP SP 9/3/82 p1 21

De serviço local, sucursal,
correspondente e das agências

A 8 de março de 1857, em Nova York, as operárias têxteis fizeram a primeira greve conduzida unicamente por mulheres, reivindicando a redução da jornada de trabalho, e foram duramente reprimidas pela polícia. Em sua homenagem, o 8 de março foi escolhido o Dia Internacional da Mulher, comemorado em vários países com reuniões, passeatas e manifestações de grupos feministas e entidades de classe.

No Brasil, as principais comemorações ocorreram em São Paulo, Curitiba e Vitória. Em Brasília, a primeira mulher brasileira a ocupar um

mandato no Senado, Eunice Michiles (PDS-AM), pediu ao presidente Figueiredo que abra espaço em seu Ministério para a presença feminina e uma maior rapidez nos estudos para implantação de um programa de planejamento familiar. Já o senador Franco Montoro (PMDB-SP) apresentou dois projetos de lei em favor da mulher, um autorizando as empresas a deduzirem até 5% no Imposto de Renda, das despesas gastas com instalação e manutenção de creches, e outro permitindo à mulher retirar seu Fundo de Garantia quando casar, sem que seja obrigada a deixar o emprego, como hoje exige a lei.

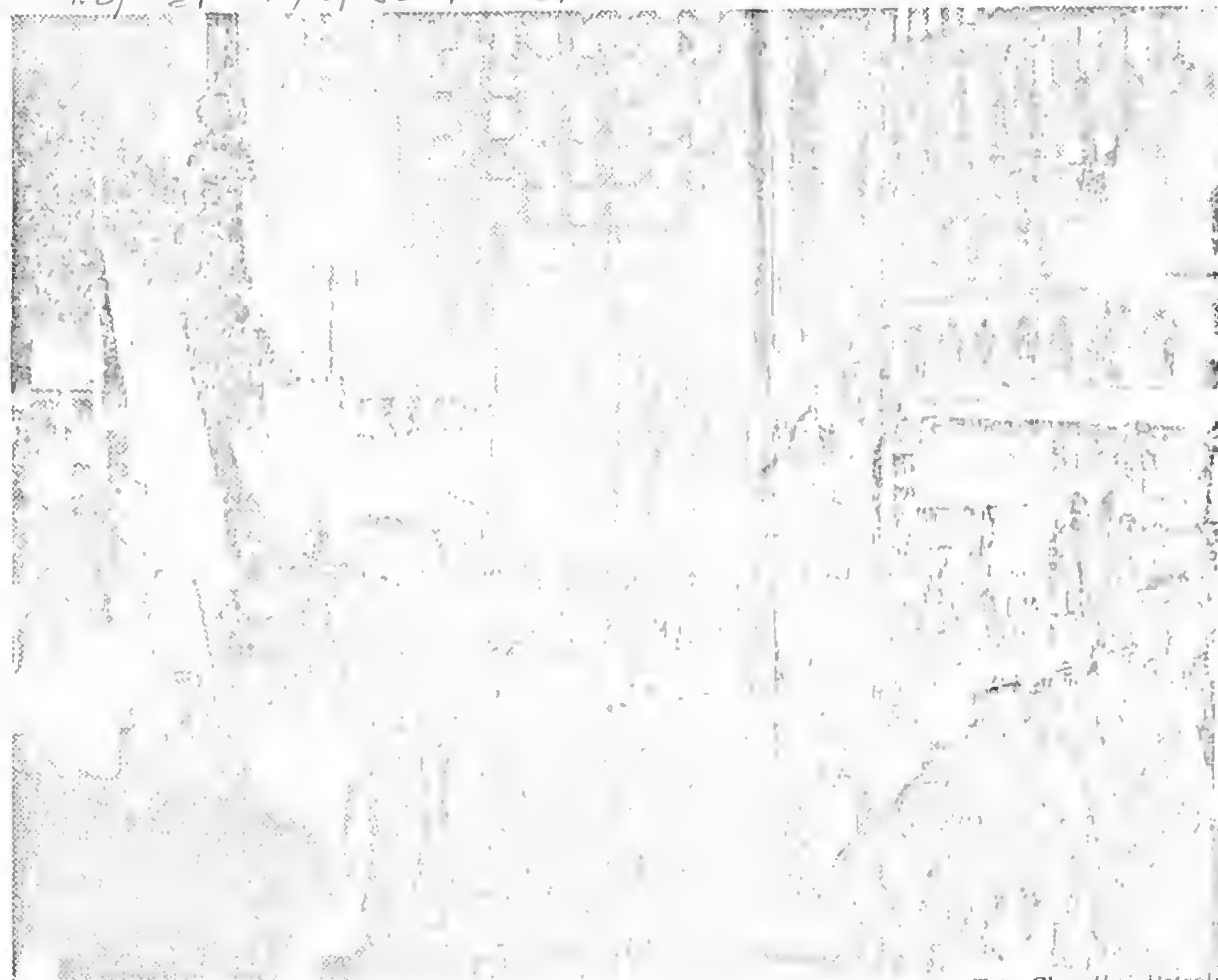


Foto Claudine Petrolí

Federação das Mulheres faz concentração em São Paulo

Passeata em São Paulo

por igualdade de direitos

Uma passeata promovida pela Federação das Mulheres Paulistas, que saiu da praça da Sé e terminou nas escadarias do Teatro Municipal, e uma reunião no Teatro Anchieta, do Sesc, com apresentação de audiovisual sobre as lutas da mulher e discussão de temas como a discriminação no trabalho, sexualidade, violência e creches, marcaram ontem o Dia Internacional da Mulher em São Paulo.

A concentração na praça da Sé começou pouco depois das 16 horas, quando as escadas da Catedral foram ocupadas por mulheres carregando faixas e cartazes anunciando a "grande caminhada pela democracia — contra o pacote da Frevidência, pela paz e igualdade de direitos, contra o controle da natalidade, em homenagem a Ellis Regina" — texto oficial da Federação das Mulheres Paulistas.

Márcia Campos, a presidente da Federação, explicou a homenagem a Ellis por ela ter sido "um dos maiores nomes da música popular brasileira, cuja imagem está sendo manchada pelas autoridades". Na opulência de Márcia, "querem acabar com os símbolos populares, e Ellis Regina sempre apoiou as iniciativas das mulheres". A caminhada contou com a participação de diversas Sociedades de Amigos do Bairro, Associações de Mulheres de cidades do Interior, como Campinas, São Carlos, Jundiaí e Piracicaba, além de representantes de entidades estudantis (UNE e UES — União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), partidos de oposição, Comissão Pró-Cut (Central Única dos Trabalhadores) e outros movimentos ligados à luta das mulheres, como o Centro da Mulher Brasileira e a União das Mulheres de São Paulo.

Maria Rosa Ribeiro, do Centro da Mulher Brasileira, lembrou a luta contra o Programa Pró-Família, promovido pelo Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo, definindo-o como "manipulação". Ela disse que, "a pretexto de se preocupar com a saúde da família, o governo está impondo o uso de contraceptivos sem o devido acompanhamento médico, sendo que o que pretende, na realidade, é controlar a natalidade para reduzir a população de baixa renda". Rosa ressaltou, ainda, a luta do Centro da Mulher pela paz mundial, afirmando que "as mulheres brasileiras impediram seus filhos de ir para a guerra da Coréia".

Depois de alguns pronunciamentos na praça da Sé, da apresentação de um jogral saudando a mulher operária e da música "Maria, Maria", cantada em homenagem a Ellis Regina, o grupo de cerca de 800 pessoas, a maioria mulheres, saiu em passeata pela rua Direita, praça do Patriarca, Viaduto do Chá e praça Ramos, onde mais uma vez se concentraram nas escadarias do Teatro Municipal para ouvir alguns discursos.

No Teatro Anchieta, do Sesc, a comissão organizadora das comemorações foi definida por Vera Soares, uma das integrantes, como sendo "um grupo de mulheres que representa a continuação do pessoal que

preparou os três primeiros Congressos da Mulher Paulista, sendo o primeiro no teatro Ruth Escobar e os dois últimos na PUC". Os temas sexualidade e violência foram apresentados em forma de pequenas peças teatrais pelo Grupo Sexualidade e Política e pelo SOS Mulher, respectivamente.

A discriminação no trabalho e luta por creches foram discutidas em palestras.

Houve ainda uma homenagem às estrangeiras que vivem exiladas no Brasil e às lutas das mulheres de El Salvador, Guatemala e Nicarágua, com a apresentação de um audiovisual pelo Comitê Brasileiro de Solidariedade aos Povos Latino-Americanos. Para completar a comemoração ao Dia Internacional da Mulher, no Teatro Anchieta, a cantora Maricene Costa fez um show com músicas que falam da mulher e do trabalho.

VIOLÊNCIA

Intelectuais no último fim de semana, as comemorações em Vitória prosseguiram ontem com uma palestra no Teatro Carlos Gomes, na qual estiveram presentes mais de 500 pessoas. O tema principal foi a violência contra mulher, com a denúncia do assassinato de 36 mulheres por seus homens no ano passado. Também o mercado de trabalho para a mão-de-obra feminina e o descumprimento da lei que obriga a manutenção de creches nas empresas constaram do programa.

A violência contra a mulher também foi comentada ontem pelo juiz da 1ª Vara Criminal de Vitória, João Batista Herkenhof, para quem "a sociedade capitalista é anti-amorosa, devido à competição, ao egoísmo e à insegurança que penetram no íntimo das pessoas".

Para ele, a violência contra a mulher, além de ser uma das expressões da opressão do homem sobre ela, "se insere no contexto mais amplo dos esquemas vigentes de opressão social, a começar pela exploração de classes. Pode-se identificar na dominação masculina uma dimensão econômica, uma dimensão política e uma dimensão simbólica, que confluiem nos crimes contra a mulher".

FEDERAÇÃO

Também em Curitiba cerca de 400 mulheres estiveram reunidas no final de semana para criar a Federação das Mulheres do Paraná, apoiada por todos os partidos políticos menos o PT, cuja representante, Zélia Passos, afirmou que esse assunto deve ser amplamente discutido a partir das bases. A mulher e o trabalho, a organização, a saúde e a carência foram os temas do encontro, que ainda esta semana terá divulgado um documento final.

A votação do documento teve a participação de delegadas de 70 entidades e partidos políticos, além de uma delegada por grupo de 20 mulheres. Algumas das feministas presentes reclamaram que "os homens estudantes atrapalharam a reunião, não deixando ninguém falar".

Mitterrand promete mudanças

Em meio a protestos de um grupo feminista e da Confederação Geral do Trabalho, ligada ao Partido Comunista, as mulheres francesas receberam ontem do presidente François Mitterrand a promessa de uma mudança na legislação em seu benefício, com a instituição de uma lei anti-sexista semelhante à já existente contra o racismo, além da garantia de acesso da mulher a todos os empregos públicos e da anulação, para efeitos fiscais, do conceito de "chefe de família", função que poderá ser exercida por ambos os sexos.

Ao receber um grupo de 400 mulheres de várias partes do país o presidente francês também anunciou que está sendo preparada uma alteração na legislação eleitoral, dando à mulher uma quota de cerca de 30% das candidaturas nas eleições municipais e regionais. A lei anti-sexista permitirá, explicou Mitterrand, que tanto as mulheres individualmente como as organizações feministas possam se constituir em partes civis nos casos de "provocação à discriminação".

Mas as integrantes do Movimento de Liberação da Mulher não consideraram suficientes as medidas prometidas pelo presidente e convocaram milhares de mulheres para uma passeata pelo centro de Paris e a fazerem greve porque o seu dia não foi decretado feriado nacional, como haviam solicitado. Outros grupos feministas, que não concordam com o MLP, realizaram manifestações diversas.

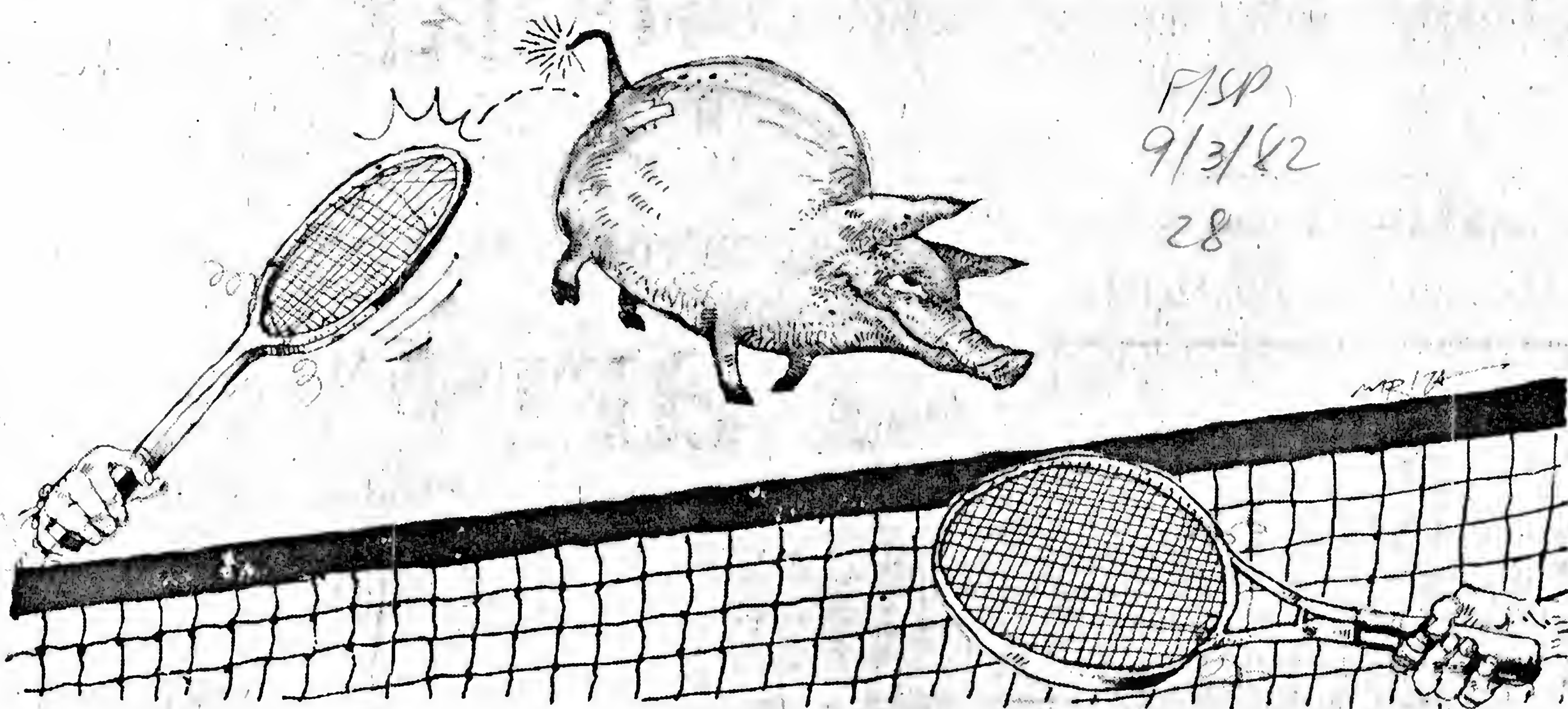
Nas emissoras estatais de televisão, todos os programas noticiosos foram feitos apenas por mulheres e a companhia estatal de ferrovias deu quatro horas de folga às empregadas. Como parte das comemorações oficiais, o primeiro-ministro Pierre Mauroy inaugurou as novas instalações do Ministério dos Direitos da Mulher e uma exposição sobre as "mulheres no trabalho".

Já as italianas entenderam que nada havia a comemorar, e condenaram toda a divulgação que se faz em torno do 8 de março, que visa a "restringir os problemas da mulher em um gueto folclórico, num dia de festas, exibição de filmes, cortejos e reuniões". Para elas, o que conta não é um dia no ano dedicado à mulher, mas sim que ela tenha todos os dias do ano.

Mesmo assim, alguns grupos organizaram convenções, palestras e mesas-redondas sobre a discriminação e um simpósio sobre "Mulheres contra o rearranjo" reuniu delegadas de vários países, que fizeram passeata nas ruas de Roma, assistiram a um espetáculo sobre Brecht e dançaram ao ar livre.

Em Bruxelas, o direito ao trabalho, a manutenção do poder aquisitivo e a independência econômica da mulher foram os temas da manifestação que reuniu sábado dez mil pessoas.

Na União Soviética, ontem foi o dia dos homens trabalharem duplamente — em casa e no emprego —, pois o 8 de março é considerado o dia de folga total das mulheres, que andavam pelas ruas com ramos de mimosa nas roupas, flor que é o símbolo do Dia Internacional da Mulher.



Contra os falsos argumentos

IREDE CARDOSO

Francis, querido (nunca vi tanto amor assim), estou verdadeiramente perturbada com seu comovente "chérie". Mas você continua pretensioso e isso é uma graça. Só você sabe que batata frita não se come com molho ou que no caviar não vai cebola, etc. Parabenizo-o por tão fina educação e entendo que tenha tamanha necessidade de passar seus brilhantes conhecimentos à plebe ignara. Mas de você quero fatos que enriqueçam o debate, quero idéias, está bem, darling?

Ha muita gente que não leu o nosso embatezinho jornalístico, especialmente a minha resposta, porque saiu no sábado de Carnaval, por isso estou dando essa dica. Mas vamos ao 4.º capítulo da emocionante história. Suas afirmações sobre Constituição são, no mínimo, lamentáveis. A Constituição, caro Francis, é também chamada "lei maior". Já ouviu falar disso? Não sei de que lugar você tirou a idéia de que Constituição não é lei. E emenda, uma vez aprovada, vira lei. Mas, como você prima pela originalidade originalíssima, compreende-se. Além disso, fazer picuinhas com economia e economia política também é continuar na mesma linha de falta de argumentos. Vá lá. O que você quer dar a entender é que está escrevendo para uma chula e burra mulher, à qual se digna, com muito cansaço, a dar umas aulinhas, do alto de sua sapiência. Também acho isso muito divertido.

Bom, agora vamos ao mais essencial: você me acusa de ter sexualizado sua relação com Schalfy (uma mulher horrorosa e machista), porque a chamei de "sua namorada". Mas, na realidade, não fui eu quem sexualizou. Foi você mesmo, ao tratá-la como "mulher-objeto" realçando-lhe os encantos físicos (?) e até se colocando como eventual candidato, caso ela tomasse um banho de loja, etc. etc. Isto na sua primeira matéria. E só relê-la. Bom, acho até que formariam um lindo casal, porque afinidades de idéias vocês têm.

Entendo que, naturalmente, trata-se de um linguajar machista, que reduz a mulher ao seu corpo (ou aos seus ovários, como é de sua preferência). E estou certa de que você é a pessoa menos indicada para me acusar de "sexualizar" as coisas (embora haja sexualizações e sexualizações). Isso porque me lembro de seu brilhante artigo sobre Virgínia Woolf, em que você "demonstra" que ela não era uma grande escritora, porque "não dava no couro" na cama (SIC!!). Como se a capacidade criadora estivesse localizada nos ovários ou nos testículos. Que eu saiba, tais órgãos são destinados a produzir crianças e a repovoar esse mundo dizimado por guerras provocadas por homens (segundo você mesmo adora repetir, velho guerreiro).

Agora, alguns esclarecimentos sobre algumas mulheres que você cita em seu texto, atribuindo-me opiniões que não tenho, e outras, que elas não têm ou tiveram. Primeiro Kollontai, que você descreve sumariamente como escrava dócil de Stálin (coisa que os trotskistas repetem ad infinitum). Quem quer que tenha lido biografias menos parciais desta ilustre senhora (e lhe recomendo a da inglesa Cathy Porter, fruto de pesquisas minuciosas, ou a da Isabel Palencis, que conviveu com Kollontai na Suécia e a conhecia muito bem) concluirá que isso é uma grosseira simplificação.

Na verdade, Stálin a via com péssimos olhos e se não a eliminou foi porque, no começo, viu-se impedido por sua (dela) considerável popularidade, tanto fora como dentro da Rússia, onde ela se colocou a favor do poder popular (e contra a ditadura do Partido). Por algum motivo, ela foi a única mulher a participar do primeiro governo revolucionário. Contentaram-se em confiná-la num exílio forçado, transformando-a, paradoxalmente, na primeira mulher embaixadora da história. Por ocasião dos grandes expurgos, ela se encontrava fora da URSS, onde só ia em viagens muito rápidas para visitar o filho e, certamente, foi isso que lhe salvou a vida. O que não significa que não a tenha arriscado.

Mesmo discordando da política stalinista (e disso dão testemunho — e não "ovari-munho" — diversos amigos que ouviam suas críticas a Stálin), ela estava de pés e mãos amarrados, pois seu filho continuava na Rússia, sujeito às autoridades soviéticas. Sua vida foi um verdadeiro drama e não pode ser resumida a julgamentos levianos.

Francis, Kollontai também fazia críticas à atuação do "Koba", em seu diário, mesmo sabendo-se espiada pelos enviados de Stálin e seus papéis privados até hoje se encontram em Moscou. Eles poderiam esclarecer muita coisa, mas estão interditados. E, mesmo que ela se tivesse dobrado a Stálin, como você sugeriu (e não teria sido o único ser humano), isso não lhe tira o mérito de ter sido a primeira a, realmente, ter tentado pôr em prática uma política para a mulher, especialmente para a mulher operária. E claro, Stálin reverteu tudo o que ela chegou a instituir. Dessa forma, na década de 30, o discurso e a prática soviéticas sobre a mulher pouco se diferenciavam dos fascistas. Kollontai se destacou por seu papel contestador com relação à moral sexual vigente. "Papai" Stálin mandou suspender as edições de seus livros, que eram muito populares, no começo da Revolução, e a imprensa soviética fez campanha cerrada contra seus escritos e idéias.

Estranho muito suas observações sobre o relacionamento entre Armand, Krupskaya e Lênin. Mas plagiando você e entrando na vida particular das pessoas, diria que ele se pareceu, nesta história, com um marido muçulmano... Quanto à Rosa Luxemburgo, se cerzia as meias de "seu homem", o problema era dela. Você a considera "caretona". Eu digo que ela era uma mulher muito inteligente, apesar das

melas. Peco, por isso, que você repense o retrato que fez dela. Acho que está meio desfocado. A Zetkin, Paulo — que cansaço — dirigiu um jornal do Partido Socialista Alemão, chamado "Gleichheit" ("Igualdade"), cuja bandeira principal era justamente a igualdade de direitos entre homens e mulheres. E você a chama de antifeminista. Caramba. E, Zetkin, no final, foi a favor do movimento sufragista. A propósito leia Holt, Heinen e Mahan ("Mulheres e Movimento Operário").

E tem mais, todas essas mulheres inteligentes e lutadoras externaram suas opiniões antes da Revolução Russa, ou, pelo menos, antes que ela tomasse os rumos autoritários e burocráticos que tomou. E é muito importante não olhar o feminismo de agora, como se fosse o de 1920.

Mais ainda: tenho sérias dúvidas sobre o antifeminismo de Lillian Hellman. Você leu "Pentimento", viu "Julia". Todo mundo sabe que ela não morre de amores pela Betty Friedan ou pela NOW, que são reformistas. Não se esqueça, Paulo, que nem a Betty, nem a Steinen, que você cita incansavelmente, resumem o feminismo, mesmo o feminismo americano. Creio que sua visão está extremamente estreita, não sei se por falta de informação ou por outros problemas. Descubra você.

Não poderla, ainda, deixar passar essa história de guerra. Veja se não ignora a situação das mulheres de El Salvador, Nicarágua, Guatemala. Será que elas estão preocupadas apenas com a sobrevivência e com a luta contra a opressão? E, depois dessa fase, não reivindicarão uma ordem social que também interesse às mulheres?

E, Paulo, convenhamos, quando você fala que feminismo é perda de tempo, você se parece com certos mocinhos intrépidos que acreditam que a "revolução" vai resolver todos os problemas.

Acredito na sua capacidade de entender a complexidade da questão feminina na sociedade. Você sabe que o sexismo, da mesma forma que o racismo, do qual é uma subespécie, nunca precisou de argumentos racionais para se justificar, pois suas raízes não estão na razão, mas no poder. Nesse sentido, os que preferem "estilo" ou vastas bibliografias para sustentar tais posições, não merecem muita atenção. No entanto, se quiser, mesmo, posso enviá-las.

Paulo, para finalizar, o seguinte: tenho empregada, sim. Eu a trato como todo mundo sabe, a chicotadas, e ela vive chorando, porque, segundo uma determinada classe média, a empregada não merece respeito como trabalhadora que é, entendeu? E você, lava as louças aí na sua casa?

Em tempo: testemunho não vem de testículos, como você afirmou. E justamente o contrário. "Testículo" vem de "testemunho". Não chute e nem pense que minhas idéias vêm de meus ovários. E agora, vamos lá, que todo mundo tem mais o que fazer.

F/SP 9/3/82
Multinacionais e bebês

CARMEN BARROSO

Os bebês do Terceiro Mundo têm sido muito generosos em relação às multinacionais. No Brasil, a Nestlé não pode deles se queixar. Em 1981 foi a expansão da venda do leite em pó que permitiu a essa empresa continuar a crescer, numa fase de queda geral do consumo de alimentos. E sua taxa anual de crescimento no País foi de 8 a 10%, na segunda metade da década — taxa invejável para um setor que nos países desenvolvidos não ultrapassa as médias de 2 ou 3% ao ano. A Nestlé é a maior empresa alimentícia operando no Brasil; no último exercício seu lucro disponível foi de 2 bilhões e 640 milhões de cruzeiros. E o leite em pó representa 65% de suas vendas.

A generosidade dos bebês infelizmente tem um custo altíssimo, pois tem significado, muitas vezes, o comprometimento de sua saúde e até o sacrifício de sua vida. A superioridade do leite materno sobre o leite em pó hoje não é questionada nem mesmo pelos fabricantes deste último. Suas propriedades imunológicas são especialmente importantes para crianças expostas a todo tipo de contaminação, em ambientes poluídos que constituem ameaça constante à saúde de adultos e crianças. Além de ser inferior quanto a esse aspecto, o preparo de mamadeiras com leite em pó requer condições inacessíveis à maior parte das mães dos países subdesenvolvidos: água não contaminada e quantidades adequadas de um produto industrializado caro.

Apesar das evidentes desvantagens, do ponto de vista da alimentação infantil, o uso do leite em pó generalizou-se inclusive entre populações de baixa renda, onde as dificuldades de esterilização e a diluição excessiva do leite têm tido consequências catastróficas. A esse respeito, o livro "O Matador de Bebês", que deu início a uma campanha internacional sobre alimentos infantis, foi agora traduzido para o português pelo Centro de Pesquisas e Controle das Doenças Materno-Infantis de Campinas.

Inúmeros fatores são responsáveis pelo desmame precoce, e seria ingenuidade ignorá-los. No Congresso sobre Mulher e Saúde, realizado em junho de 1981 em Genebra, as feministas declararam que não poderiam simplesmente ser a favor do aleitamento materno, isoladamente num vácuo. É necessário assegurar condições concretas que possibilitem a amamentação, e que a complementem no sentido de assegurar o desenvolvimento infantil em condições ótimas. Subnutrida, sobrecarregada de trabalho, sem poder contar com infra-estrutura de serviços tais como creche, nem efetiva legislação trabalhista que lhe assegure a compatibilidade do emprego com o aleitamento, a mãe é praticamente proibida de exercer o seu direito de amamentar.

Também não se pode ter ilusões de que o aleitamento seja a panacéia para todos os problemas da nutrição e saúde infantil. A persistir o atual nível de concentração da renda, a maioria das famílias continuará a não ter recursos para adquirir a dieta alimentar necessária a partir dos 6 meses, quando o bebê passa a ter necessidades que não podem ser inteiramente satisfeitas pelo leite materno.

Apesar das ressalvas (e de outras, relativas ao papel da amamentação numa política de controle da natalidade, e que merecem um artigo especial) deve-se reconhecer a existência de uma "desnutrição comercilogênica". O dr. Derrick Jelliffe, especialista em pediatria, depondo perante o tribunal de Berna, declarou que as técnicas de alta pressão para a promoção, publicidade e distribuição de leite em pó adotadas pelas empresas privadas em países subdesenvolvidos têm sido um dos principais fatores que têm alterado os padrões de alimentação infantil e o consequente aumento da mortalidade e morbidade no primeiro ano de vida.

Na comedida linguagem chela de eufemismos diplomáticos que caracteriza as publicações da ONU, um livro de 1981 da Organização Mundial de Saúde e do Unicef (Infant and Young Child Feeding: Current Issues) aponta a propaganda e promoção da indústria

dos alimentos infantis como um dos fatores que contribuíram para o declínio do aleitamento materno: "Têm difundido idéias inadequadas sobre a alimentação infantil e têm frequentemente criado uma demanda desnecessária."

Um alimento necessário para uma pequena minoria foi transformado em produto de massa, através de métodos sofisticados de promoção e distribuição que convenceram as famílias pobres a gastar uma grande parcela de seu orçamento na compra de leite em pó, na vã esperança de que ele fizesse com que seus bebês fossem tão saudáveis quanto aquelas fofuras sorridentes que povoam os anúncios da TV e das revistas femininas.

No entanto, a mais importante forma de promoção do leite em pó é realizada através dos profissionais e das instituições de saúde. Um manual de vendas de uma das companhias americanas dizia o seguinte: "Quando se reconhece que, de cada 100 bebês que deixam a maternidade usando uma marca de leite, 93 permanecem com aquela marca, a importância da venda no hospital fica óbvia." (N.Y. Times, 6 de dezembro de 1981). O dr. Taylor, da Universidade John Hopkins, afirma que o uso do leite em pó em hospitais pode levar o leite materno a secar e o bebê a viciar-se em mamadeira.

Reunindo ampla documentação sobre práticas de comercialização altamente questionáveis, uma campanha internacional de protesto iniciou-se na década passada e culminou em maio de 1981, quando, na Assembleia Mundial de Saúde, 118 países aprovaram, e só os Estados Unidos votaram contra, o Código Internacional de Comercialização de Substitutos do Leite Materno.

A aprovação do Código foi um passo importante e representou uma vitória sobre os poderosos mecanismos de pressão das multinacionais do leite em pó, que não hesitaram em usar métodos no mínimo "pouco ortodoxos" na tentativa de conseguir sua rejeição. No entanto, as práticas abusivas de comercialização só serão coibidas quando o Código se traduzir em legislação ao nível de cada país.

No Brasil, quase um ano após a aprovação do Código, há três propostas de legislação sobre o assunto: a do deputado Alvaro Valle, do PDS, a do senador Orestes Quêrcia do PMDB e a da Associação Brasileira das Indústrias de Alimentos. Porém, todas as três parecem visar mais à diluição do Código do que à sua efetiva implementação, conforme assinalou a médica sanitária Marina Ferreira Rea, em seu artigo, no último número do jornal "Mulherio". Para apenas citar um exemplo, enquanto o Código Internacional proíbe a distribuição de amostras aos profissionais de saúde, nenhuma das três propostas faz qualquer menção a respeito.

No mês passado, anunciou-se que o grupo técnico-executivo do Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno apresentará ao ministro da Saúde uma proposta elaborada a partir do Código Internacional. Seria altamente recomendável que, na elaboração dessa proposta, fossem ouvidas aquelas que são as únicas que têm experiência direta sobre o assunto: as mães.

A importância da perspectiva feminista foi reconhecida quando o aumento da participação das organizações de mulheres na elaboração das políticas que afetam a amamentação foi recomendado pela própria Organização Mundial de Saúde, que promoveu, em novembro de 1980, uma reunião sobre a situação da mulher e a amamentação.

Como a política de nutrição infantil afeta a vida de grande parte das mulheres, seria desejável que o movimento de mulheres no Brasil se dedicatesse para analisar a questão da amamentação com o cuidado que sua complexidade exige. Em vista dos fortes interesses políticos e econômicos em jogo, trata-se de tarefa muito urgente.

Carmen Barroso é doutora em Psicologia Social pela Universidade de Columbia, EUA, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas e professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo.

'63% das famílias do País sofrem de desnutrição'

IREDE CARDOSO

O professor Carlos Eduardo Baldijão leciona Fisiologia no Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo e é especialista em Nutrição. Aqui, em entrevista concedida à "Folha", ele fala do problema da desnutrição, que considera político. Baldijão assinala que o termo desnutrição é eufêmico e que deveria ser chamado de fome, um fenômeno característico de economias que se desenvolvem sob o sistema capitalista e "decorrência da superexploração do trabalho".

"Folha" — Qual a visão que se tem dos problemas de nutrição, no Brasil?

Baldijão — A visão que permanece precisa ser completada com fatos relativos ao desenvolvimento econômico do País; só assim é possível entender as causas dessa desnutrição, que vem se constituindo num problema nacional de extrema gravidade.

"Folha" — Há dados que reforçam a idéia dessa gravidade?

Baldijão — Sim. Veja só: 63% das famílias brasileiras não têm condições de adquirir a dieta mínima necessária a um bom estado nutricional. Dados estimativos, baseados em pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos dão conta de que há cerca de 12 milhões de crianças, de 7 a 12 anos, com algum grau de desnutrição, o que corresponde à metade da população infantil nessa faixa etária. Além disso, cerca de 27% dessas crianças apresentariam alguma forma grave ou moderada de desnutrição.

"Folha" — E como esse grave problema poderia ser solucionado?

Baldijão — Creio que o importante é ver como se dá o processo de desnutrição no Brasil, um país considerado o 8.º na economia mundial. Com essa situação, não poderia existir um problema de tal ordem. É preciso ir às causas para chegar às soluções.

"Folha" — E quais são as causas?

Baldijão — Muitas vezes, as causas da desnutrição são apontadas como sendo fruto da ignorância popular. E sua solução, nesse sentido, seria fornecer uma educação nutricional, ensinando-se a população a comer. Mas essa concepção considera que a sociedade funciona harmonicamente, como se fosse um relógio. Assim, seria só uma pechinha quebrada, que precisa ser consertada. Mas não é assim.

"Folha" — Como deveria ser observada a questão do seu ponto de vista?

Baldijão — Temos que ver a situação histórica do próprio processo de desenvolvimento brasileiro, para explicar o problema. A nutrição é parte integrante do processo social.

"Folha" — Como se reflete essa falta de participação, no cômputo geral, tendo em vista o problema da desnutrição?

Baldijão — Houve uma grande acumulação do capital, às custas da saúde do povo brasileiro. O processo migratório, por exemplo, para suprir as necessidades de mão-de-obra na região Centro-Sul do País; convém lembrar que a situação precária das condições de trabalho em nossa agricultura — distribuição e posse da terra — em função do avanço do capitalismo no campo, foram as causas da expulsão do trabalhador rural para a cidade.

"Folha" — E a desnutrição, na zona urbana?

Baldijão — Temos um grande exército industrial de reserva, de desempregados, característica do modo capitalista de produção. No Brasil, ela é muito acentuada. Embora estejamos, no momento, vivendo uma crise, esse exército é mantido mesmo fora dessas épocas, porque faz parte do jogo do mercado, para manter a mão-de-obra barata disponível.

"Folha" — E, com relação à questão salarial, qual seu ponto de vista ligado ao fenômeno da desnutrição?

Baldijão — A questão do salário também é muito importante. O que é o salário? É o preço que se paga pela força de trabalho, que é uma mercadoria. Esse preço é determinado pelo valor dos artigos de primeira necessidade de tal modo que o trabalhador possa manter e reproduzir sua força de trabalho (energia). Quando o preço dos alimentos e dos aluguéis sobe mais do que o da força de trabalho (salário), pode-se concluir que as condições de vida pioram muito.

"Folha" — Mas as pessoas têm outras necessidades, além de trabalhar e dormir, não?

"Folha" — Os programas de merenda escolar, que estão sendo intensificados pelo governo federal não ajudariam?

Baldijão — Particularmente, considero que as escolas e os locais de trabalho devem ser utilizados para dar alimentação. A escola deveria ser o local onde a criança ficaria estudando o dia inteiro, aí permanecendo com várias atividades programadas. Obviamente, é um local onde deve ser fornecida alimentação.

"Folha" — Então é uma boa solução?

Baldijão — A solução não pára por aí, somente. Nós, que não somos desnutridos, fazemos nossas refeições nos locais de estudo e trabalho, pagando, é claro. A solução tem que passar pelas condições justas de distribuição de riqueza. Porque, por mais que se dê merenda escolar, o problema da fome não será resolvido. A distribuição justa de riquezas só pode ser conseguida por meio da atividade política. E somente a classe trabalhadora tem a verdadeira perspectiva da justiça social. Apenas uma transformação profunda na estrutura política, econômica e social do País poderá solucionar de vez o problema da fome. Tudo o mais é paliativo.

"Folha" — Mas o governo mantém também outros programas destinados a trazer soluções para o problema da desnutrição. Que pensa deles?

Baldijão — Alguns desses programas saíram com um discurso muito bonito, mas, na prática, acabam se evidenciando que suas finalidades eram demagógicas. Vemos, por exemplo, que o Programa Nacional de Alimentação e Nutrição (Prona) propôs-

a alimentar gestantes e nutrízes, crianças de zero a catorze anos. Além disso, propôs-se também a incentivar o pequeno produtor e a desenvolver a agricultura brasileira. O homem ainda apresentou um programa de alimentação ao trabalhador.

"Folha" — Por quê?

Baldijão — As verbas a eles destinadas foram, em 1975, de Cr\$ 12 bilhões e 490 milhões, para o período de 76 — 79. Com isso, pretendia-se suplementar a alimentação de nutrízes e gestantes e crianças de zero a catorze anos, além de dar apoio ao pequeno produtor. Para o pequeno produtor, foram destinados Cr\$ 3 bilhões 160 milhões, ficando Cr\$ 8 bilhões 661 milhões, para a complementação alimentar.

"Folha" — E para a alimentação ao trabalhador?

Baldijão — Para esta área, o Prona destinou, no mesmo período, Cr\$ 12 bilhões e 120 milhões. Esses dados são iniciais do programa e decorrem de estimativas dos mecanismos de incentivos fiscais. Verifica-se pelos dados oferecidos, que o apoio ao pequeno produtor é de importância mínima; a ênfase é dada à alimentação do trabalhador. A finalidade deste programa é "dar melhores condições de saúde para a população economicamente ativa, que contribuirá para a redução de gastos e perdas decorrentes da baixa produtividade e a diminuição do absenteísmo, acidentes de trabalho e aposentadoria precoce.

"Folha" — A linguagem é tecnocrática.

Baldijão — E. A lei assegura a dedução no imposto sobre o lucro tributável do dobro das despesas realizadas em programas de alimentação do trabalhador e limita seus benefícios aos contratados por empresas. As empresas não têm nenhuma despesa com o programa e somente a força de trabalho efetivamente empregada será atingida por ele. É permitido ainda que os trabalhadores arquem com 20% das despesas. Em outras palavras, o Prona foi idealizado fundamentalmente para cumprir um papel de manutenção da força de trabalho, servindo, assim, aos propósitos de acumulação do capital. É uma proposta tecnocrata, insuficiente.

CES - V. 10
16/03/82
43

est. SP. **Cidades**
16/3/82
Aleitamento P 43

ALEITAMENTO MATERNO EM DISCUSSÃO — A convite da Unicef/Inan, virá ao Brasil uma comissão do Instituto de Alimentação e Nutrição do Caribe, chefiada pelo dr. Derrick B. Jelliffe e esposa e integrada pelo dr. Richard Mannoff, especialista na área de Comunicação. A comitiva deverá chegar ao Rio de Janeiro no dia 22 e visitar São Paulo nos dias 23 e 24. Em sua permanência nesta Capital, dia 23, a comissão deverá visitar algumas unidades sanitárias da Secretaria de Estado da Saúde, entre 14 e 16 horas, para em seguida avistar-se com o professor Adib D. Jatene, titular da Pasta da Saúde.

No mesmo dia, ainda, às 20h30, o professor Jelliffe pronunciará uma conferência sobre "A Importância do Aleitamento Materno na Pediatria atual". Local: auditório "Paula Souza" da Faculdade de Saúde Pública da USP. No dia 24, às 10 horas, a dra. Patrice Jelliffe pronunciará uma conferência no auditório do Instituto da Criança da Faculdade de Medicina da USP, abordando o tema "Importância do contato imediato mãe-filho para a amamentação". A comissão permanente de coordenação do Projeto de Incentivo ao Aleitamento Materno, da Secretaria da saúde, convida para debater tão importante problema todos os profissionais de Saúde e demais interessados em assistir as citadas conferências.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *O Est. S. Paulo*
Data: *20/03/82*
Pág.: *29*

Pasta n.º
N.º do recorte.....

f 32 **Creche do** *Est. S. Paulo*
Hospital
Est. S. Paulo 20/3/82
Albert Einstein

No próximo dia *29* 18 de abril, numa cerimônia singela, será inaugurada a creche "Rubens Sverner", destinada aos filhos dos funcionários do Hospital Israelita Albert Einstein. A creche, que foi doada pela família Sverner, tem área construída de 780 m² em terreno de 1.400 m², com capacidade para abrigar 120 crianças por turno, abrangendo a faixa etária de 3 meses a 5 anos. As crianças serão instaladas, de acordo com a idade, em guarda maternal, pré-jardim infantil e jardim infantil.

Assim, aquela legião de funcionários que cuida de centenas de crianças nascidas ou internadas no Hospital Israelita Albert Einstein poderá fazê-lo agora com mais serenidade e tranquilidade, pois seus próprios filhos estarão sob a guarda de funcionários competentes.

A boa notícia para irmã Irene

A Prefeitura doou um terreno para suas 280 crianças brincarem

Durante 14 anos, sem falhar um só dia, irmã Irene Alves Lopes rezou e pediu à Divina Providência que iluminasse todos os prefeitos de São Paulo que sucederam Faria Lima. Rezou para que eles não esquecessem de completar, com uma assinatura, a promessa que a morte inesperada impediu Faria Lima de cumprir: ceder oficialmente um terreno municipal, na rua Gravataí, bem em frente aos dez sobradinhos onde irmã Irene abriga 280 crianças carentes e abandonadas, para que elas tivessem um espaço amplo e seguro para correr e brincar.

Em novembro de 1977, irmã Irene teve de reforçar seus pedidos a Deus. Afinal, só mesmo um milagre para acabar com a Lei nº 8.635, por meio da qual o então prefeito Olavo Setúbal cedeu o terreno da rua Gravataí à Associação dos Produtores de Espetáculos Teatrais do Estado de São Paulo, a título gratuito e por um prazo de 50 anos, para a construção de um teatro e sede social.

Ontem, 19 de março, dia consagrado a São José, e também o dia em que irmã Irene completou 60 anos de vida dedicada à Igreja, o milagre aconteceu. Entre as dezenas de pessoas que assistiram à missa rezada pela manhã na igreja da Consolação, para comemorar as "bodas de diamante" de irmã Irene, estava Guilherme Monteiro Junqueira, primo do prefeito Reynaldo de Barros. E foi ele quem subiu ao altar para dar a grande notícia: ontem mesmo o prefeito enviou à Câmara Municipal um projeto de lei propondo a concessão de uso do sonhdo terreno ao lar Nossa Senhora da Consolação, nome que irmã Irene deu à sua obra assistencial.

Por alguns segundos os padres, freiras, crianças e fiéis esqueceram que estavam numa missa, e aplaudiram entusiasmados. Irmã Irene ficou surpresa, emocionada, ameaçou chorar, mas seu incansável sorriso acabou vencendo quando ela recebeu o ofício e abraçou Guilherme calorosamente:

— Eu não disse que a Divina Providência não ia me deixar na mão? Foram 14 anos rezando, tinha que resolver. Mas mesmo que tives-



se demorado mais eu não desistiria. As maiores dificuldades transformam-se em grandes alegrias, quando as vencemos. A dificuldade é um estímulo à luta.

Não foi muito fácil, para o prefeito Reynaldo de Barros, realizar esse "milagre". A única forma de anular a lei era fazer com que a Associação dos Produtores Teatrais aceitasse outro terreno em troca, e eles recusaram várias propostas. (A rua Gravataí, no bairro da Consolação, é um local privilegiado — tranqüilo, embora junto ao centro da cidade, caminho natural para quem se dirige ou volta dos Jardins, do Bexiga — centro teatral —, da rua Augusta.) Mas, depois de quase dois anos de tentativas, finalmente Reynaldo de Barros conseguiu convencê-los a aceitar uma grande área na rua Vergueiro, onde está sendo construído o novo Centro Cultural de São Paulo, junto à estação do metrô.

A festa preparada para os 60 anos de dedicação de irmã Irene ganhou maior brilho após a surpresa. No amplo sobrado da rua Gra-

vataí onde fica a casa das irmãs da Ordem de São Vicente de Paulo houve um grande almoço, animado pelas meninas do Coral Irmã Lopes. Elas vieram de Campanha, no Sul de Minas Gerais, especialmente para homenagear sua benfeitora.

Há dois anos, o Instituto São José de Campanha, a cargo das freiras vicentinas, enfrentava sérias dificuldades financeiras e ia ser fechado. Desesperada, sem saber o que fazer com seus 54 órfãos, 30 velhinhos e vários doentes, irmã Fontoura, a responsável, escreveu para irmã Irene, pedindo ajuda. Aqui, a situação do Lar Nossa Senhora da Consolação não era das melhores: o dono dos sobradinhos queria vendê-los a uma empresa que iria construir ali um supermercado, e irmã Irene não tinha para onde ir com suas então 210 crianças. Mas, com sua admirável habilidade de fazer surgir coisas do nada, conseguiu arranjar donativos e alimentos para reabilitar o Instituto São José.

Um ano depois, auxiliada por uma campanha através da imprensa, irmã Irene conseguiu reunir 30 milhões e 800 mil cruzeiros para comprar os dez sobradinhos que iam virar supermercado. Só faltou um, na rua Caio Prado, onde funciona o berçário, e pelo qual ela paga 78 mil cruzeiros por mês.

O rosto corado, com pouquíssimas rugas, e a fantástica memória de irmã Irene — capaz de lembrar que na França, em 1922, quando fez o noviciado, tinha exatamente 495 companheiras — não revelam nem de longe seus 82 anos de idade. Ela sorri, diz que "acompanha o século, e ainda tem muito que viver "para continuar cuidando dos pobres e das crianças".

Para que o terreno passe definitivamente para o Lar Nossa Senhora da Consolação, só falta a aprovação dos vereadores. Ali já funciona um improvisado parque, com velhos brinquedos e tanques de areia, e irmã Irene pretende mantê-lo aberto para todas as crianças que vivem em apartamentos na região e não têm onde brincar.

Rachel Melamet

12 *21/3/82*
Mulheres
constroem
a creche

CAMPINAS — Os moradores do Jardim Yeda e região vão ganhar uma creche para atendimento de 200 crianças, no mês de abril. A creche está sendo construída pelo grupo de mulheres "Tudo é Brasil" e o prédio será doado à Prefeitura, encarregada de coordenar o trabalho de desenvolvimento do centro infantil.

A creche será dotada de play-ground, salas de repouso, recreação, berçário, galpão, área de serviço e sanitários. Caberá à Prefeitura, a execução do projeto, através da Secretaria de Obras e Serviços Públicos, que fará um ajardinamento nas proximidades do local e pavimentará o acesso à creche. Além disso, deve asfaltar as ruas adjacentes, através de pedido dos moradores que se inscreveram no Plano Comunitário.

O atendimento às crianças da creche do Jardim Yeda será o mesmo que a Secretaria de Promoção Social oferece aos seus 20 centros infantis da Prefeitura. Das 7 horas da manhã às sete da noite, haverá orientação pedagógica, alimentação, atividades recreativas, orientação para desenvolvimento da sociabilidade, aliada ao atendimento à família, através de entrevistas e reuniões com as mães.

Alterações no plano de estoque de leite

Da sucursal de
BRASILIA

11/3/82

O programa de formação dos estoques de produtos lácteos financiados pelo governo para a entressafra já está comprometido. Isto é, não se chegará à entressafra com uma estocagem de 35 mil toneladas de leite desnatado, 15 mil toneladas do produto integral, 10 mil toneladas de manteiga e 15 mil de queijo, conforme o planejado no ano passado.

Essa é uma certeza dos próprios técnicos do governo, que levantam até a possibilidade de o País vir a importar manteiga, uma vez que até agora só foram liberados Cr\$ 7 bilhões dos Cr\$ 21 bilhões previstos para financiamento do estoque oficial.

Diante dessa constatação, os técnicos salientam que não pode falhar nenhum dos fatores que contribuem para uma boa produção de leite, pois, caso contrário, poderá haver dificuldades no abastecimento durante a entressafra. Ou seja, o preço fixado para o leite em junho deverá ser bom, enquanto o preço da carne bovina não sofrerá grandes elevações. Agora esses aspectos, não se pode pensar na possibilidade de geadas, porque nesse caso é certo a falta do produto.

Apesar da expectativa, os técnicos acham que ainda é muito cedo para garantir que haverá problemas no abastecimento de leite durante a entressafra. A queda na oferta, que já começa a ser sentida, é normal. Segundo explicam, com o fim da safra do Sul há uma redução na produção, de 15 a 20%, isto é, de dezembro para março.

Com os Cr\$ 7 bilhões que foram liberados até o momento, os técnicos acreditam que só deve ter sido formado um terço do estoque previsto. E até agora nenhuma autoridade informou se serão liberados mais recursos. Extraoficialmente, soube-se que, na verdade, não houve uma previsão dos Cr\$ 21 bilhões no orçamento monetário, daí

porque ocorreu uma limitação do crédito concedido a cada empresário.

Além da falta de recursos para financiamento dos estoques oficiais, os técnicos salientam que este ano houve uma recuperação muito boa do mercado dos derivados de leite e é provável que os queijeiros, por exemplo, cheguem à entressafra ainda produzindo queijo, diante dos preços compensadores do produto. Isso sem contar com a produção da manteiga, que também está estimulada pelo preço de mercado (da ordem de Cr\$ 400,00 o quilo), enquanto o financiamento concedido para a estocagem de produto é de Cr\$ 210,00 o quilo. Desse modo, os técnicos não acreditam que haja estoque de manteiga financiado pelo governo para a entressafra.

Os técnicos acham também que o abastecimento do mercado tanto pode ser prejudicado por condições climáticas como pode ser beneficiado por elas, se acontecer nesta entressafra o mesmo que no ano passado, com o prolongamento do período das chuvas, ajudando bastante as pastagens.

Eles lembram que, não havendo maiores problemas, o governo ainda tem em mãos um remanescente dos estoques formados no ano passado. Aliás, existem divergências quanto ao volume desses estoques de leite: enquanto oficialmente o governo diz que são 14 mil toneladas, alguns técnicos afirmam que só há 11 mil toneladas. Segundo seus cálculos, o que o governo possui daria para abastecer o mercado da Grande São Paulo por um período de 59 dias, caso não fosse produzido sequer um litro de leite fluido.

O certo é que 1982 será o primeiro ano em que este governo poderá ter de enfrentar problemas com o abastecimento de leite, porque em 1978 já havia sobras do ano anterior para atender ao mercado, enquanto foram importadas 50 mil toneladas do produto em 1980, e 1981 foi um ano de excelente produção, além da retração que houve no consumo em decorrência do preço.

Feminismo

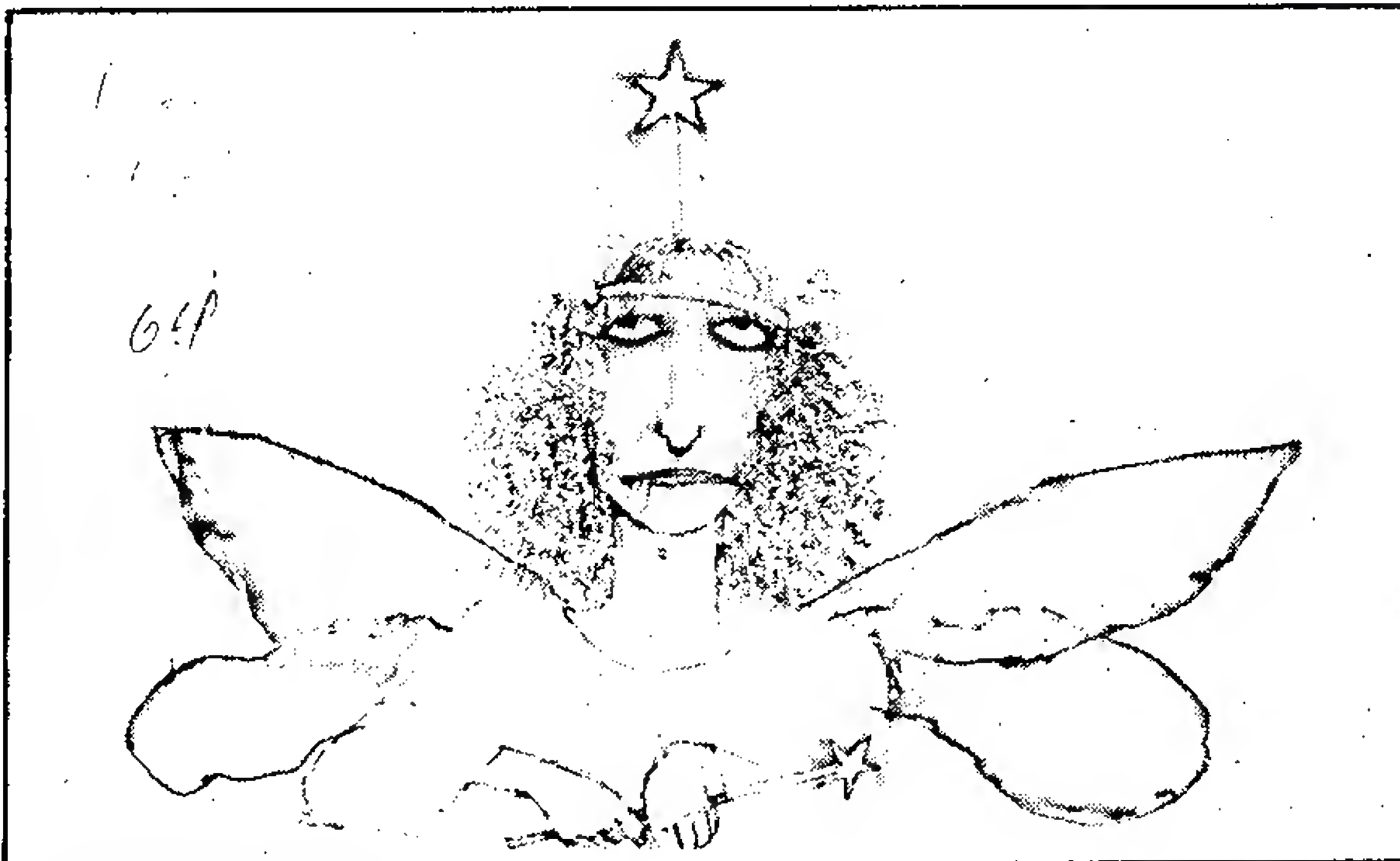
A mulher e as manipulações

IREDE CARDOSO

Curiosamente, esta "Folha" deixou de registrar, em São Paulo, a manifestação dos grupos feministas no Dia Internacional da Mulher, ocorrida no Teatro Ancheta. A matéria que falava de São Paulo afirmava que, entre nós, só houvera "protestos"; ao lado uma ampla reportagem mostrava o que havia sucedido no Rio de Janeiro, onde os mesmos grupos antagônicos fizeram manifestações diferentes: uma pacífica, com mulheres grávidas, crianças, reivindicações e denúncias, outra de protestos. O mesmo ocorreu em Belo Horizonte, em Campinas e por outras cidades desse País. O mesmo tem ocorrido, inclusive, em vários países da América Latina, segundo denunciaram companheiras do movimento feminista deste Continente.

Realmente, difere muito fazer uma marcha ou congresso, reunindo mulheres para defender Assembléia Constituinte e outros temas, de outra em que se afirma que vale a pena (também) lutar pela felicidade. A tese da Assembléia Constituinte, sepultada com a figura solitária do senador Orestes Quêrcia no Congresso, continua sendo bandeira de luta de grupos políticos que a desejam ver imposta às mulheres. Nem mesmo no Dia Internacional das Mulheres nos é permitido, por esses grupos, tentar uma discussão a respeito da discriminação específica que sofremos em nossa sociedade. Ou mesmo falar do que sentimos e do método que aprovamos para mudar essa realidade. Parece-nos incrível supor que alguém ainda duvide do fato de que, quando as mulheres lutam pela democracia a partir de dentro de casa, no trabalho ou contra a violência, contra a opressão de um modo geral, elas estejam recusando a luta mais ampla pela democracia.

Aliás, a prática de escamotear a discussão sobre a democracia que queremos tem sido a mola mestra para que se implante a "democracia" que não nos diz respeito. A única mulher a elaborar uma carta de direitos para a mulher, durante a Revolução Francesa, terminou por ser decapitada, sob a égide do lema de "Igualdade, Fraternidade e Liberdade". Conhecer um pouco de



história da mulher não faria mal às que se engajaram na luta como mulheres. Como dar crédito a grupos de mulheres que antepõem à nossa luta pelos direitos dos oprimidos, bandeiras gerais, como se fossem elas as mais importantes, para uma efetiva transformação do mundo?

Por outro lado, quais seriam os motivos que levariam essas mulheres a querer colocar como secundárias — vide o cartaz do grupo Hora do Povo, no Dia Internacional das Mulheres — nossas principais reivindicações? Essa questão tem uma profundidade pouco comum. Resulta daí, em análise mais superficial, que estão em jogo o autoritarismo e a democracia. A mulher, afeita à opressão, afastada das informações, pode se tornar presa fácil de tais manipulações. Kurt Lewin, pesquisador fugitivo do nazismo, fez, nos EUA, pesquisa muito interessante sobre os motivos que levariam estudantes a ter comportamento mais conservador. Esses estudos revelaram que a imensa maioria dos conservadores mais extremados tinha poucas informações sobre a realidade e, além disso, vivia em conflito com os pais. Psicologismos? A psicologia só pode ser frutiferamente entendida se, ao analisarmos o comportamento da pessoa, soubermos devidamente entendê-lo sob a luz das informações colhidas no meio em que ela vive.

A mulher, educada para a subal-

ternidade, privada da prática do prazer, pode se tornar rancorosa e recusar a se reconhecer a si própria, como parte fundamental para o desenvolvimento autêntico de uma nação. Erich Fromm, em seu "Medo à Liberdade", faz análise interessante sobre o comportamento humano, mostrando por que muitas pessoas preferem um ditador a disporem de seus próprios destinos.

Todavia, cumpre lembrar que vários grupos de mulheres, em todo o Brasil, conseguiram lutar e mostraram, nesse 8 de março de 1982, que continua viva, em nós, a chama da autêntica liberdade. Recusamos toda e qualquer manipulação política sobre nós mesmas. A autonomia do movimento feminista será mantida, porque é ela que nos traz alegria na luta pela transformação da realidade. A mesma alegria que nos levou a todas ao Teatro Ancheta, inclusive a presidente da Associação das Donas de Casa, a Cida Kopkaka, a dançar "Maria, Maria", de Milton Nascimento, na voz da saudosa Ellis Regina. É preciso trazer a marca da resistência dentro do coração e nas mentes, porque essa luz não permitirá que as mulheres deixem de amar sua condição de mulher, mesmo discriminadas; não permitirá ainda que nossa força seja utilizada para reforçar autoritarismos que caracterizam todo o mundo chelo de violência em que vivemos e que queremos mudar.

Nestlé não mudará propaganda no País

Pressionada por persistente boicote de consumidores favoráveis ao aleitamento materno, a Nestlé norte-americana admitiu, na semana passada, modificar sua estratégia de propaganda da linha de leites em pó infantis. Dentro de um ano, a empresa redesenhará e reescreverá todo o material que rotineiramente distribui às mães, médicos e profissionais de saúde, aceitando os principais itens do código que regulamenta a propaganda de produtos substitutos do leite materno, aprovado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em maio do ano passado. Ontem, José Lemos, diretor de "marketing" da Nestlé brasileira, informou que enquanto não for aprovado um projeto de lei nesse sentido, no País, a empresa não mudará sua linha de atuação. "De qualquer forma", disse ele, "um código desse tipo pelo menos põe fim ao emaranhado de questões que envolvem o tema."

HISTÓRICO DE LUTA

O Brasil estava presente à Assembleia da Organização Mundial da Saúde (OMS), no ano passado, quando exceto os Estados Unidos, todos os 118 países restantes votaram a favor da edição de um código internacional para regulamentar a propaganda dos produtos substitutivos do leite materno. Esforços para conter a penetração indiscriminada do hábito da mamadeira, que, segundo médicos especializados, traz consequências danosas para a prática do aleitamento materno e da Saúde Pública, vêm sendo feitos desde o começo da década de 60, quando cientistas suecos despertaram para o problema, segundo informa a médica sanitária Maria Ferreira Réa.

Em 1974, o livro de Mike Muller, "The Baby Killer", editado por uma instituição filantrópica inglesa, denunciou os perigos causados pela propaganda dos leites comerciais infantis nos países do terceiro mundo. Segundo Marina, "a questão explode, então, com a tradução alemã do livro, feita por um grupo suíço, com o título "Nestlé mata bebês", o que levou a empresa a um rumoroso processo contra os autores."

Nos anos seguintes, aumentou consideravelmente a preocupação relativa à amamentação. O Conselho Nacional de Igrejas, nos Estados Unidos, em 1978, liderou um movimento que força o Congresso a instalar uma comissão de inquérito para apurar a responsabilidade de indústrias americanas e estrangeiras na propaganda indiscriminada dos leites infantis e "no aban-

dono do aleitamento materno, que causa agravamento das já precárias condições de saúde das camadas populacionais mais pobres do mundo", segundo a médica sanitária.

Os efeitos dessa mobilização não tardaram. Nigéria, Jamaica, Guiana, Guiné-Bissau, Argélia e Zimbábue foram os países pioneiros em adotar legislações específicas, visando a coibir a propaganda indiscriminada de leite em pó infantil. Em outubro de 1979, a OMS e a Unicef realizaram uma reunião, com a participação de representantes governamentais, de organizações ligadas à saúde e de entidades representativas das indústrias de alimentos infantis. Segundo Marina Ferreira Réa, "nessa ocasião chegou-se a um consenso quanto à superioridade incontestável do leite materno sobre o industrializado e quanto à necessidade de um código para propaganda do leite em pó".

Em maio do ano passado, o projeto de regulamentação da propaganda de leite em pó infantil, elaborado pela OMS e Unicef, foi aprovado, com voto contrário apenas dos Estados Unidos. Entre outros aspectos, o código da OMS recomendou a eliminação completa da promoção comercial dirigida diretamente ao público, incluindo anúncios, presentes, amostras-grátis e qualquer propaganda na embalagem que possa desincentivar o aleitamento materno. Além disso, segundo a médica sanitária, o código da OMS defende que "informações e educação sobre alimentação infantil sempre devem salientar a superioridade do leite materno, devendo ser veiculadas unicamente através dos serviços de saúde."

POSIÇÃO DA NESTLÉ BRASILEIRA

O diretor de "marketing" da Nestlé, José Lemos, integrou a comissão da Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (Abia) que analisou o código sugerido pela OMS. Ele acha necessário regulamentar a propaganda, embora, ressalve, "não façamos anúncios em veículos de massa e usemos equipes para atuar diretamente junto aos médicos pediatras nessa promoção."

"Nossos críticos nos acusam de tudo e acabam nos responsabilizando até por altos índices de mortalidade infantil e desnutrição, mas na realidade somos conscientes, dignos, pais de família e responsáveis: sabemos que o aleitamento natural é melhor", disse José Lemos.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *C. Est. São Paulo*
Data *27/03/53*
Pág. _____

Pasta n.º _____
N.º do recorte _____

K12 **Aleitamento** *8/3/53*

ALEITAMENTO MATERNO Nos dias 23 e 24 de março deverá visitar São Paulo uma comissão do Instituto de Alimentação e Nutrição do Caribe, chefiada pelo dr. Derrick B. Jelliffe e esposa e integrada pelo dr. Richard Mannoff, especialista na área de comunicação. As 20h30 do dia 23, em São Paulo, o dr. Derrick B. Jelliffe pronunciará uma conferência no auditório "Paula Souza" da Faculdade de Saúde Pública da USP, versando o tema "Importância do Aleitamento Materno na Pediatria atual". No dia 24, às 10 horas, a dra. Patrice Jelliffe fará uma conferência no auditório do Instituto da Criança, da Faculdade de Medicina da USP, sobre a "Importância do Contato Imediato Mãe-Filho para a Amamentação".

K12 **Congresso Pan-Americano de Leite**

De 10 a 26 de abril, será realizado em Buenos Aires, na Sociedade Rural Argentina, em Palermo, um Congresso Pan-Americano do Leite e uma Exposição Internacional de Raças Leiteiras, bem como uma exposição comercial e industrial. Na primeira semana se realizarão jornadas de pré-congresso e de 19 a 21 de abril, desenvolverão suas atividades as três áreas técnicas desse encontro: a da Produção Animal, a da Industrialização Láctea e a de Nutrição Humana. O congresso culminará no dia 22 de abril com um Seminário de Comércio Exterior, organizado pela Associação Latino-Americana de Integração. Indício do interesse despertado pelo congresso é o fato de países alheios à órbita americana terem enviado observadores: Comunidade Económica Europeia, Jordânia, Síria, Coreia, Nigéria, Grã-Bretanha, Dinamarca, Iraque, Irã, Nova Zelândia, Tailândia, Rússia, Egito, Suécia, África do Sul, Hungria, Irlanda e Austrália. Maiores informações poderão ser obtidas na Associação de Criadores de Holando-Argentino, Laprida 1818, Código 1425, Buenos Aires, Argentina.

8 DE MARÇO

São Paulo: festa, consciência e luta

Em São Paulo, as comemorações começaram nos bairros e no interior desde fevereiro e vão continuar em encontros, debates, filmes em Sorocaba, Rio Claro, São Caetano, Mauá, Osasco, Vila Remo, Jardim Miriam, São Miguel Paulista, Itaquera, no Bixiga, Carapicuíba, Freguesia do Ó, Itaim Paulista, Butantã, Sto André...
No dia 8, uma festa emocionada e muito política lotou o teatro Anchieta. Aqui, o durante e o depois, porque a alegria contagiou e a gente quer continuar botando fé pelo ano afora.



Mulher-combatente, mulher-mulher

Foram homenageadas pelo Encontro as mulheres latinoamericanas em luta e aquelas que foram obrigadas a se exilar entre nós.
Em especial, Ana Maria Martinez, militante do PST argentino, seqüestrada e assassinada pelos órgãos de repressão, no mês passado.

A grande batalha pela libertação da mulher não terminará sem enfrentarmos e vencermos um inimigo feroz: aquele que divide a sociedade em explorados e exploradores, que cria a submissão da mulher e que dela se vale para perpetuar o capitalismo.

Por isso, no Dia Internacional da Mulher devemos render homenagem às mulheres que atingiram já este momento crucial. Em El Salvador, na Guatemala, as mulheres estão na primeira linha de fogo, com as armas nas mãos, como soldados e como comandantes, mostrando aos homens de todo o mundo que também somos capazes de assumir a luta na sua expressão mais elevada.

Já em Cuba e na Nicarágua, as mulheres estão organizadas e armadas ao lado dos homens para defenderem os triunfos que lhes pertencem por direito porque por ele lutaram e morreram.

Por isso saldemos nossas irmãs centro americanas com emoção e com alegria, porque reivindicam nossa causa e porque nos mostram o caminho.

(lido na abertura do Encontro)

Mulher latinoamericana. Mulher que um dia acordaste para ver que teu povo, durante

anos e anos, sofre as injustiças dos poderosos. Te mostras então, mulher combatente, cheia de coragem e de valor, lutando ao lado do teu companheiro, ou sozinha, ao lado de teu povo. Te mostras mulher militante, disposta a contribuir com doçura, alegria e sobretudo firmeza, na causa da liberdade. Se por um lado deves aprender o manejo das armas, pelo outro também comesas a desenvolver aqueles novos valores que tanto anseias para a nova sociedade. Por isso ensinaste a teu companheiro a participar das tarefas do lar e lhe mostraste que estas tarefas também são importantes.

Mulher militante, mulher companheira, mulher mãe, mulher mulher, que por teres tomado consciência de tua importância no processo político sofres toda a brutalidade da repressão que se volta contra ti, na tortura te humilha por seres mulher, te massacra, te violenta. E se consegues escapar deste inferno, deixas tua terra, tua gente. Começas a viver aquela palavra que não existia no teu dicionário e só agora comesas a entender: exílio.

(Trecho do audio-visual apresentado por companheiras do Comitê Brasileiro de Solidariedade)

Margaridas. Montões de margaridas separadas em pequenos bolinhos no fundo do palco. Aos poucos elas começam a aparecer nas cabeças de algumas mulheres que montam a exposição de fotos, arrumam a banquinha de vendas, o som, o palco. Luzes na ribalta. Cinco sorrisos explicam a idéia do encontro, ali, onde as mulheres fala das suas lutas específicas como maneira de fazer parte e fortalecer as lutas gerais. Onde as mulheres falam por si mesmas e escolhem por si mesmas como se organizar. Uma homenagem: àquelas que lutam por essa Latino-América agora e àquelas que, esmagadas pela repressão, estão exiladas no Brasil. São elas, exiladas, que nos contam em áudio-visual do seu aprendizado de mães, militantes, mulheres.

É quando as margaridas se espalham das mãos de algumas aos cabelos, peito, mãos de todas. A sala se enche de 400 sorrisos, de cheiro de flor, cores suaves. E falamos dos nossos caminhos, de consciência, luta e solidariedade. Sexualidade: prazer, aborto, contraceptivos, parto, orgasmo, dor, em depoimentos verdadeiros de Lúcias e Marias, transformados em teatro. E falamos da discriminação no trabalho, da luta por creches.

Flashes da violência no escritório, em casa, na rua, na cozinha, na delegacia, na porta de

fábrica. E as margaridas explodem para o alto, atiradas sobre a roda do SOS mulher que canta e dança ao som de "Maria, Maria", com saudades de Elis Regina. Depois de termos rido e chorado das nossas próprias histórias. Chorado mesmo, não estou brincando, não.

As margaridas ali, a enfeitar o chão do palco. E Léa, metalúrgica desempregada, a mão nervosa na testa, lê um poema seu, de um livro seu "que não teria sido possível se não fossem todas as mulheres que passaram pela minha vida de luta". Como se não houvesse mais emoção pra rolar!

Fala Adélia, da Associação das Mulheres do Grajaú, periferia sul; fala Leni do Movimento Negro Unificado; bilhetes do PT e do PMDB; dos homens presentes; dos homossexuais presentes "na platéia e na vida"; nota das lésbicas feministas; informes de não sei quanto encontros feitos em bairros, em cidades do interior. E a alegria irônica de Maricene Costa, cantando as músicas de, sobre, para as mulheres.

Muita emoção mesmo: alegria, solidariedade, carinho, certeza, sonho. E tudo termina — ou começa — no abraço de olhos molhados da companheira nova: "Foi uma noite maravilhosa! Tô sentindo lá no fundo a consciência do que é ser mulher..."

(M.C.)

Nossos corpos, nós mesmas

A migas: li sobre vocês no *Mulherio*. Resolvi escrever para vocês porque não posso ir até aí pessoalmente e, depois, não sei se pessoalmente diria o eu tenho para dizer. Mas estou abafada, sufocada comigo mesma e qualquer tentativa de falar sobre isso desando em choro e acaba criando uma situação constrangedora. Mas escrever eu posso. Ninguém me olha, me analisa, me julga.

Todo dia é a mesma coisa. Vou dormir: troco de roupa, escovo os dentes e tomo a pílula. Tomo sabendo de todos os riscos. Todos os dias, sempre igual. Tomo a pílula e sinto medo, mas tomo. Meu companheiro não toma conhecimento. Só não quer aborrecimentos, só.

Amanhã é dia de médico. E já estou naquela aflição que não é de agora. Alguma novidade? Não, só as explicações que eu não entendo. Ouço o que o médico me diz e volta para casa com as mesmas dúvidas.

Tive 3 partos, o primeiro cesariana, o segundo o que eles chamam de "parto normal" e o terceiro na minha casa, no meu quarto, na minha cama. Desse terceiro parto me ficou a consciência plena de ter parido pela primeira vez. Tenho ainda

comigo a sensação de dor, do prazer, da imensidão, da plenitude desse momento.

Fiquei desempregada uns tempos, até

que um dia apareceu um cara simpático, bonito e carinhoso e como ele foi bom para mim, acabei indo com ele prum hotel. A gente conversou e ele falou que como eu era bonitinha e nova, podia ir pras ruas e faturar, quer dizer, me virar. Hoje faço ponto na Major Sertório, esquina com Bento Freitas. Tem sido difícil. É preciso fingir, renunciar e nunca beijar com paixão. A gente não vira prostitua de uma hora para outra. Primeiro a gente luta, trabalha, tenta alguma coisa melhor. Quando a fome aperta, se perde o amor próprio e a vergonha.

Vou inventar um casulo e me meter lá dentro; não vendo o céu, quem sabe eu esqueço qu existem estrelas... A sexualidade é importante, meu Deus, é importante. Tudo que pude trazer à tona de mim mesma foi esta certeza. Gente, foi bom escrever. Foi bom, obrigada.

(trechos da peça montada a partir dos depoimentos recolhidos pelo Grupo de Sexualidade e Política, Plantão de Informação e Reflexão e Centro Ginecológico da Casa da Mulher)

Vamos continuar nosso pique!

- No dia 9 de março o CIM (Centro de Informação Mulher) abriu uma exposição com 150 cartazes sobre o movimento de mulheres no Brasil e no mundo, no Centro de Artes Gráficas da Folha de São Paulo, rua Barão de Limeira 401, térreo.

- No dia 30 de março haverá missa de um ano da morte de Eliane de Grammont, seguida de uma passeata.

- Foi lançado durante o 8 de março o Plantão de Informação e Reflexão sobre a Saúde e a Sexualidade da mulher, que funcionará na Rua Cardeal Arco-verde 2109, Pinheiros.

- Continuará a discussão sobre o esboço de um Novo-Estatuto Civil da Mulher, alterando o atual Código Civil Brasileiro, na parte em que mais discrimina a mulher.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: EM TEMPO
Data: 11-24 / 03 / 1982
Pág. 18

Pasta n.º
N.º do recorte 1171.1

● O Teatro Ruth Escobar promete a realização do I Festival Nacional das Mulheres nas Artes, de 1º a 10 de setembro, incluindo teatro, música, artes plásticas, cinema, dança e literatura.

● A Comissão organizadora do 8 de Março propôs a realização de três semanas de discussão e luta: em abril, semana contra a violência sobre a mulher, coincidindo com o En-

contro Nacional de S.O.S.'s. Em maio, Semana sobre Creche e Sexualidade, coincidindo com o dia das mães. Em Junho, Semana contra a Discriminação no Trabalho, a partir da Realização do Tribunal Berta Lutz, que em sua primeira seção pública, dia 29 de maio, tratará deste tema.

● Dia 26 de março, reunião de preparação destas "semanas" na sede do S.O.S., Pça. Benedito Calixto 56, às 20hs.

Na Espanha as mulheres lutam pela legalização do aborto, uma luta surgida do medo que milhares de mulheres grávidas estão sentindo de estarem gerando crianças defeituosas.

Essa suspeita é devida à contaminação de um óleo vendido a granel, consumido principalmente pela classe de renda baixa.

Na França as mulheres conseguiram uma lei contra a discriminação sexual e um projeto sobre a igualdade profissional permitindo o acesso das mulheres a todos os cargos públicos.

No Brasil são várias as lutas e várias as formas de comemoração.

Porto Alegre: construindo a unidade

Com a participação de cerca de 200 pessoas, aconteceu no último dia 7 o encontro unitário da mulher de Porto Alegre. Reunindo num mesmo palco as integrantes da comissão pró-federação da mulher gaúcha e as entidades e grupos feministas que discordam da comissão, além do PT. O encontro teve um caráter de discussão de questões como a federação da mulher, a união municipal de mulheres e um plano de lutas. Não tendo caráter deliberativo, nada foi votado.

O que foi feito da Comissão pró-federação

Criada em agosto, no chamado 1º Congresso da Mulher Gaúcha, em meio ao cenário de manipulação partidária, a comissão, nestes seus sete meses de existência, não conseguiu encaminhar nada.

Ela se manteve envolvida em suas brigas internas entre os apoiadores do jornal Hora do Povo e as mulheres do PDT. De golpe em cima de golpe, a comissão sobreviveu com a única discussão que conseguiu fazer: qual seria a data do Congresso de Fundação da Federação.

Os partidários do jornal Hora do Povo sustentavam que ela deveria acontecer ainda este mês, "queiram ou não queiram as outras posições". Usando-se de seus inflamados discursos do tipo "o coração das mulheres clama pela federação", "quem não quer a federação agora é traidor do povo", tentaram a todo momento impor no encontro as suas propostas. Jogaram para discussão da proposta de estatutos para a federação (em nome da FRACAB, o que foi desmentido pela entidade) que possui quase 90 itens,

incluindo até penalidades para as mulheres, e que é inclusive o mesmo estatuto da federação da mulher paulista. As outras correntes que atuam dentro da comissão pró-federação, PDT e Tribuna Operária, tem visões diferenciadas do que seria essa federação, e as simpatizantes do PDT já estão avaliando que é impossível trabalhar junto com o Hora do Povo.

E o bloco de Oposição à Federação?

A resposta daqueles que não concordam com a federação foi a promoção de vários encontros setoriais que antecederam ao encontro, como o das mulheres do vestuário, da saúde, das professoras, além de discussões que ainda irão acontecer, como a comemoração que a inter-sindical está promovendo, o encontro das

mulheres do PDT, debates e promoções feitas pelos grupos feministas. Uma clara demonstração da necessidade de se ampliar a discussão dos problemas específicos da mulher para outras categorias. E foi exatamente no sentido de respeitar essa necessidade e fazer com que o encontro fosse expressão dela que a intervenção do PT e dos grupos feministas colocaram o encontro como um espaço das forças que mantiveram unidade contra o método manipulador e cupulista da Hora do Povo. Procuraram mostrar sua disposição de construir essa unidade no movimento, de unificar a discussão de quem está realmente trabalhando, de construir um espaço aberto de discussão que rompa com o isolamento de cada trabalho específico, que discuta e avalie os rumos da organização das mulheres e da construção de suas lutas.



A falta de creches na periferia de São Paulo leva a comunidade a improvisar.

Mães abrem suas casas para servir de creche

Difundidas em Brasília — onde cerca de 1.500 famílias já participam do programa — as creches domiciliares chegam agora a São Paulo, através da iniciativa de um grupo de voluntárias que, em agosto do ano passado, fundou a Ação Comunitária Thebaida. Tudo começou quando a orientadora social Maria Lins Cunha esteve em São Paulo e proferiu palestra sobre as creches domiciliares de Brasília, cuja promoção e financiamento partiram de um plano da Secretaria do Serviço Social do Distrito Federal.

Os resultados obtidos em Brasília entusiasmaram tanto as mulheres que assistiram à conferência que, no mesmo dia, elas resolveram somar esforços para criação de uma entidade cujo objetivo fosse a promoção e o auxílio de famílias carentes da periferia. Assim nasceu a Ação Comunitária Thebaida, com poucos recursos, numa chácara da estrada de Tupu, no Jardim Tapera, próximo à represa de Guarapiranga.

“Pretendíamos utilizar uma estrutura tradicionalmente conhecida pelas populações pobres de todas as grandes cidades brasileiras: a mãe que trabalha, não tendo creches ao seu dispor, costuma deixar seus filhos com uma vizinha amiga, que cuida das crianças e recebe, em troca, um pequeno ordenado. Nossa inten-



Fotos José Nascimento

A creche domiciliar só exige um pequeno quintal e boa vontade.

ção não foi no sentido de mudar esta relação tão íntima entre a mãe e a vizinha; apenas queríamos aperfeiçoar a vizinha para que ela pudesse melhor desempenhar suas funções", explica Luci Montoro, vice-presidente da entidade e esposa do senador Franco Montoro.

NOVAS "MÃES"

Nesse sentido, as voluntárias da Ação Comunitária Thebalda conseguiram reunir sete mulheres do Jardim Tapera, as quais, prontamente, aceitaram a função de "mães crecheiras". Os únicos requisitos exigidos pela entidade para admissão de uma "mãe crecheira" são a aceitação do marido quanto ao trabalho desenvolvido pela esposa, a existência de um pequeno quintal, água encanada na casa e latas de lixo cobertas.

Uma vez aceitas para o serviço, as "mães crecheiras", que poderão acomodar em casa no máximo seis crianças de até seis anos, recebem um auxílio financeiro da entidade, além de toda a alimentação para as crianças.

Ainda para ajudar as "mães crecheiras", a Ação Comunitária Thebalda contratou uma moça da própria comunidade que, como auxiliar, percorre todos os dias as sete creches domiciliares para supervisionar os trabalhos e brincar um pouco com as crianças, enquanto a "mãe crecheira" se dedica a outros afazeres.

ENTENDIMENTO

Conforme explica Lais Guarita Fernandes Rocha, coordenadora do Departamento de Creches da entidade, "nosso objetivo principal ao instituir o sistema de creches domiciliares foi não arrancar a criança de seu ambiente, colocando-a num lugar estranho. Nosso interesse é que a criança sinta-se como em seu próprio lar". Assim, não há nenhuma interferência da entidade na escolha que a mãe da criança fará da "mãe crecheira". Pelo contrário, a Ação Comunitária Thebalda até contribui para que as mães e as "mães crecheiras" entendam-se melhor, promovendo, um domingo de cada mês,

reuniões com todas as participantes do projeto.

Ainda, com o intuito de aperfeiçoar a "mãe crecheira", a entidade costuma reuni-las, todas às terças-feiras, em sua sede, para discutir questões como higiene, saúde, puericultura e economia doméstica. Segundo Lais Guarita, "estas reuniões não se configuram como palestras, são apenas bate-papos onde todas, tanto as mães como as coordenadoras, contribuem com suas experiências individuais".

Os trabalhos com as creches domiciliares aproximaram tanto a entidade dos problemas do bairro que, hoje, as voluntárias vêm trabalhando em conjunto com a Associação dos Moradores do Jardim Tapera. Este processo de convergência de interesses começou quando os moradores iniciaram uma campanha pela limpeza dos terrenos baldios da região e, ao que tudo indica, a colaboração entre a Ação Comunitária Thebalda e os bairros da represa de Guarapiranga não terá fim.

USP adia abertura de creche

A promessa era de que a creche da Universidade de São Paulo, construída no ano passado nas proximidades do Centro Esportivo da Cidade Universitária, seria inaugurada no princípio deste mês. Segundo informações que vêm sendo dadas por funcionários aos interessados, a creche é destinada a filhos de funcionários, professores e até alunos, embora tenha capacidade para somente 18 crianças e já deveria estar em pleno funcionamento. Agora, ninguém sabe informar quando as atividades terão início, apesar das instalações estarem prontas e os funcionários contratados, segundo reclamação feita à "Folha Emergência".

CRITÉRIOS

Aos pais, os funcionários informam, apenas, que a inauguração não foi feita porque os critérios para a seleção das crianças que frequentarão o estabelecimento ainda não foram definidos, já que se espera uma procura muito maior que a capacidade de atendimento. A creche deverá funcionar das 7h30 às 19 horas e receberá desde recém-nascidos até bebês com 18 meses.

A informação, no final do ano passado, era de que a creche entraria em funcionamento em fevereiro, mas os interessados não conseguiram inscrever as crianças. Logo a seguir o prazo foi mudado para princípio de março e, agora, fala-se na segunda quinzena de abril ou início de maio.

24/3/82
p. 17

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *GP TRFCE*

Data: *24/03/82*

Pág. *-*

Pasta n.º *-*

N.º do recorte *-*

Creches: as promessas não cumpridas do senhor prefeito.

"O prefeito não visa a criança. Ele só está fazendo campanha eleitoral." É assim que representantes do Movimento de Creche de São Paulo vêem o trabalho do prefeito Reynaldo de Barros para o setor.

E as queixas são muitas. Segundo as mães, em 10 de outubro de 1979 o prefeito prometeu ao Movimento 830 creches. Mas agora disse que só vai construir 300. E até o momento, somente 107 estão prontas e em funcionamento. E elas perguntam: ele prometeu tudo até maio, será que vai dar tempo? *J. Tadeu 24/3/82*

O pessoal não acredita e denuncia a precariedade das creches da Prefeitura. A reivindicação básica das mães sempre foi a de que as creches fossem para crianças de 0 a 3 anos. Mas isso não tem acontecido. Quando a creche fica perto, até mil metros, de uma Emei (Escola Municipal de Educação Infantil), ela atende crianças de 0 a 3,9 anos e depois, de acordo com orientação da Prefeitura, a criança deve ir para as Emeis.

Mas, segundo informações de Maria Helena Brioschi, do Movimento, essas escolas também são insuficientes, superlotadas. E acarretam uma série de outros problemas para a criança que a frequenta: a criança da creche ocupa o lugar de três crianças da Emei, porque fica em período integral dentro da escola; não tem lugar para dormir; e passa por três professoras. Quando a mãe vai buscá-la, no final da tarde, a criança está agressiva e violenta.

E as reclamações não param por aqui. Outro grave problema apontado pelas representantes do Movimento de creches da zona leste e da zona norte é o fato de a Prefeitura não ter um serviço de manutenção nestas creches em funcionamento: algumas creches têm rachaduras enormes, paredes úmidas e quando alguma coisa quebra, não é consertada.

A falta de funcionários, para cuidar das crianças, e o atendimento médico também são problemas sérios.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
 Biblioteca

Folha *OP* *TARDE*
 Jornal: *OP* *TARDE*

Data *24/03/82*

Pág. *-*

Pasta n.º

N.º do recorte

Programa de creches da Prefeitura é criticado

24)

Representantes do Movimento de Luta por Creches na Zona Leste e Norte de São Paulo criticaram, ontem, em entrevista coletiva, o Programa de Creches da Prefeitura, denunciando a falta de funcionários, a precariedade das instalações, a ausência de serviços de manutenção e a inexistência de médicos. Ao mesmo tempo, cobraram, da Prefeitura, a implantação das 300 creches prometidas para o final da administração. Por enquanto, segundo o movimento, existem apenas 107 funcionando. "São 113" — corrige Wilson Quintella, titular da Coordenadoria de Bem-Estar Social — (Cobes). "Novos funcionários estão sendo contratados, as instalações estão melhorando, médicos são um problema da Saúde, não da Cobes, e a promessa das 300 creches continua". Quintella lembra que "a administração ainda não acabou".

F. Tende 24/3/82

Mães abrem suas casas para servir de creche

Disseminadas em Brasília — onde cerca de 1.500 famílias já participam do programa — as creches domiciliares chegam agora a São Paulo, através da iniciativa de um grupo de voluntárias que, em agosto do ano passado, fundou a Ação Comunitária Thebaida. Tudo começou quando a orientadora social Maria Lins Cunha esteve em São Paulo e proferiu palestra sobre as creches domiciliares de Brasília, cuja promoção e financiamento partiram de um plano da Secretaria do Serviço Social do Distrito Federal.

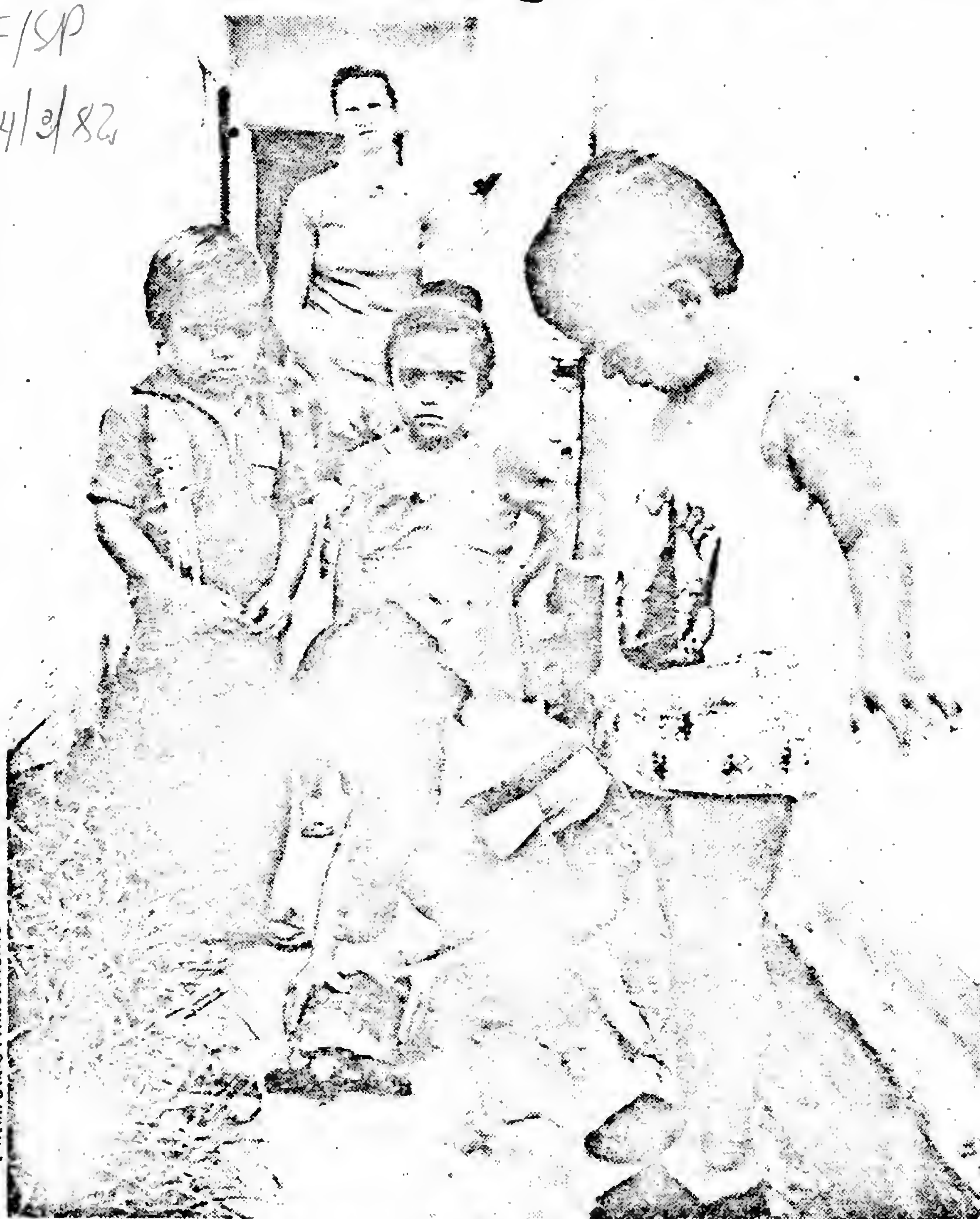
Os resultados obtidos em Brasília entusiasmarão tanto as mulheres que assistiram à conferência que, no mesmo dia, elas resolveram somar esforços para criação de uma entidade cujo objetivo fosse a promoção e o auxílio de famílias carentes da periferia. Assim nasceu a Ação Comunitária Thebaida, com poucos recursos, numa chácara da estrada de Tupu, no Jardim Tapera, próximo à represa de Guarapiranga.

“Pretendíamos utilizar uma estrutura tradicionalmente conhecida pelas populações pobres de todas as grandes cidades brasileiras: a mãe que trabalha, não tendo creches ao seu dispor, costuma deixar seus filhos com uma vizinha amiga, que cuida das crianças e recebe, em troca, um pequeno ordenado. Nossa intenção não foi no sentido de mudar esta relação tão íntima entre a mãe e a vizinha: apenas queríamos aperfeiçoar a vizinha para que ela pudesse melhor desempenhar suas funções”, explica Luci Montoro, vice-presidente da entidade e esposa do senador Franco Montoro.

NOVAS “MÃES”

Nesse sentido, as voluntárias da Ação Comunitária Thebaida conseguiram reunir sete mulheres do Jardim Tapera, as quais, prontamente, aceitaram a função de “mães crecheiras”. Os únicos requisitos exigidos pela entidade para admissão de uma “mãe crecheira” são a aceitação do marido quanto ao trabalho desenvolvido pela esposa, a existência de um pequeno quintal, água encanada na casa e latas de lixo cobertas.

Uma vez aceitas para o serviço, as “mães crecheiras”, que poderão acomodar em casa no máximo seis crianças de até seis anos, recebem um auxílio financeiro da entidade, além de toda a alimentação para as crianças.



A creche domiciliar só exige um pequeno quintal e boa vontade.

Ainda para ajudar as “mães crecheiras”, a Ação Comunitária Thebaida contratou uma moça da própria comunidade que, como auxiliar, percorre todos os dias as sete creches domiciliares para supervisionar os trabalhos e brincar um pouco com as crianças, enquanto a “mãe crecheira” se dedica a outros afazeres.

ENTENDIMENTO

Conforme explica Lais Guarita Fernandes Rocha, coordenadora do Departamento de Creches da entidade, “nosso objetivo principal ao instituir o sistema de creches domiciliares foi não arrancar a criança de seu ambiente, colocando-a num lugar estranho. Nosso interesse é que a criança sinta-se como em seu próprio lar”. Assim, não há nenhuma interferência da entidade na escolha que a mãe da criança fará da “mãe crecheira”. Pelo contrário, a Ação Comunitária Thebaida até contribui para que as mães e as “mães crecheiras” entendam-se melhor, promovendo, um domingo de cada mês,

reuniões com todas as participantes do projeto.

Ainda, com o intuito de aperfeiçoar a “mãe crecheira”, a entidade costuma reuni-las, todas as terças-feiras, em sua sede, para discutir questões como higiene, saúde, puericultura e economia doméstica. Segundo Lais Guarita, “estas reuniões não se configuram como palestras, são apenas bate-papos onde todas, tanto as mães como as coordenadoras, contribuem com suas experiências individuais”.

Os trabalhos com as creches domiciliares aproximaram tanto a entidade dos problemas do bairro que hoje, as voluntárias vêm trabalhando em conjunto com a Associação dos Moradores do Jardim Tapera. Este processo de convergência de interesses começou quando os moradores iniciaram uma campanha pela limpeza dos terrenos baldios da região e, ao que tudo indica, a colaboração entre a Ação Comunitária Thebaida e os bairros da represa de Guarapiranga não terá fim.

Mulheres comemoram Dia Internacional

0sp. 19025 13/82

Mais de 300 mulheres — donas-de-casas, operárias, domésticas, professoras, crecheiras — estiveram reunidas no domingo, 14 de março, em Vila Remo, na região Sul. O encontro, realizado durante o dia todo em clima de muita alegria e participação, foi programado pelos clubes de mães com dupla finalidade: lembrar o Dia Internacional da Mulher e inaugurar o novo salão comunitário.

Nas paredes, liam-se cartazes e faixas: "Nós mulheres, com nossos companheiros, queremos lutar pela justiça", "Somente unidos e organizados seremos libertados", "Santo, você está presente" (Santo sempre participou e incentivou os trabalhos pastorais da Paróquia) e outras. Um grande painel, ao lado direito do salão, contava um pouquinho da história da caminhada das mulheres e dos homens de Vila Remo, desde a formação dos primeiros clubes de mães até a participação nos movimentos por creche, escolas, ônibus, melhoramentos nos bairros, custo de vida, as lutas sindicais, as greves, etc.

EM NOVA IORQUE, NO EGITO

Depois de ensaiados vários cânticos para a ocasião, um grupo de jovens encenou a morte das operárias têxteis de Nova Iorque, que reivindicavam redução da jornada e melhores condições de trabalho, no 8 de março de 1857, o que originou o Dia Internacional da Mulher.

A mulher na Bíblia foi o tema de uma breve colocação da Irmã Edni e de Pedrina, do grupo de mães. "A luta da mulher contra as injustiças da morte, pela vida, é muito antiga", afirmou Edni. Ela lembrou o exemplo das parteras do Egito, mandadas pelo faraó para que matassem os recém-nascidos das mulheres israelenses. "As parteiras não só não atenderam a ordem do faraó, como quando foram chamadas por ele, conscientes do que tinham feito, afirmaram que as mulheres israelenses eram muito fortes e tinham as crianças antes delas chegam". Pedrina lembrou Maria: "A mãe de Jesus foi uma mulher humilde, sempre junto ao povo, e acompanhou seu filho até a cruz. Nunca disse: 'Fuja disso', ela esteve o tempo todo com Jesus nas suas lutas".

As participantes foram divididas em três grupos — donas-de-casa (o mais numeroso), trabalhadoras em geral e domésticas — que ficaram durante a manhã inteira, sobre as condições de seu trabalho, problemas relacionados a ele e possíveis soluções.

A DIFÍCIL VIDA DA MULHER

Durante o lanche foi programada uma reunião que foi bem participada. As mulheres puderam conversar sobre o dia-a-dia, as condições de família da periferia e sua importância nas lutas pela melhoria da qualidade de vida da população.

Houve também um momento de lembrança e homenagem a todas as integrantes dos diversos trabalhos realizados em Vila Remo e que se deslocaram ou mudaram para outras localidades. Depois foram apreciadas as reflexões que os grupos, Donas-de-Casa, Empregadas Domésticas e Operárias, fizeram de manhã.

O encontro foi encerrado às 15,30 hs. com a presença da operária Wanda Gama (Nós Mulheres! / de nossas cabeças / de nossas mãos / de nossa voz / mais belo ainda será / o Fruto de nossa Ação!). Todavia as comemorações continuaram até as 18,00 hs. com apresentação de vários grupos de violeiros e de música serena.

NA ZONA LESTE

Na Igreja Matriz de São Miguel Paulista também foi realizada uma assembléia de mulheres, com a presença de vários grupos organizados, e de D. Angélica, bispo da região, que pediu a elas que continuem reivindicando por creche, escola, creche e saúde, e convidando outras e engrossando os clubes de mães.

Em seguida, foi lida a Carta de Compromisso das Mulheres da Região São Miguel, enunciando todas as injustiças sociais em todas as partes do nosso Continente, afirmando o compromisso com a luta por um mundo mais justo, onde haja vaga e ensino gratuito nas escolas, emprego para todos, povo nutrido, e a terra seja de todos.

Foi feito um minuto de silêncio em protesto pelas injustiças que estão sendo cometidas contra os 13 posseiros e os 2 padres franceses em Conceição do Araguaia.

"A mulher se descobre não só passando pano, lavando e cuidando da casa, mas lutando e aprendendo a conhecer os seus direitos", uma das frases da encenação feita pelo grupo de mães, na Luta pela Educação.

A luta dos moradores de Monte Taó foi lembrada como um símbolo por aqueles que não têm voz. Todas se prontificaram a ajudá-los nessa caminhada.

Durante a celebração foi lembrado o porquê do Dia Internacional da Mulher, que é o dia de luta em todo o mundo. Em março de 1908, as operárias da fábrica têxtil Cotton, em Nova Iorque, nos Estados Unidos, entraram em greve contra as péssimas condições de trabalho a que eram submetidas. Lutavam pela redução de 10 horas, melhores salários, melhores condições de vida e trabalho.

Os patrões se recusaram a atender as reivindicações e 129 mulheres ocuparam a fábrica. A polícia cercou o prédio, e ateou fogo no local, matando todas as operárias.

População do Butantã vai inaugurar creche

Está praticamente pronta — e deverá ser inaugurada em meados de abril — a primeira das cinquenta creches do Projeto Marco (Múltipla Ação Regional Comunitária), no bairro do Butantã. Ontem cedo, membros do Grupo de Assessoria e Participação (GAP) do governo do Estado visitaram as obras da creche, que com 520 metros quadrados abrigará 120 crianças carentes.

A creche custou, com todo o equipamento, Cr\$ 25 milhões, importância conseguida através de doações de empresários do bairro e da comunidade em geral, os quais ficarão encarregados ainda da manutenção do estabelecimento. O Projeto Marco exige o poder público dessas obrigações, a não ser a cessão do terreno, feita pela Prefeitura.

A próxima creche do projeto deverá ser construída no bairro do Ipiranga. No entanto, a coordenadora da creche do Butantã, Sônia Marcicano, teme que ela não tenha a mesma sorte da primeira: "O Butantã, um bairro com 600 mil habitantes e muitos empresários, é privilegiado. A mobilização da comunidade, aqui, está provando que São Paulo não é uma cidade fria. Todo mundo quer participar, mas não sabe como. Só espero que os outros 49 bairros tenham o privilégio que o Butantã tem."

PROJETO MARCO

O Projeto Marco é a aplicação de uma ideia surgida na reunião de um grupo de polícia comunitária, no 15.º Distrito Policial (Itaim-Bibi). Ela prevê a ajuda, por parte dos mais favorecidos de um bairro, na construção e administração de uma creche-mãe (que será secundada por creches-satélites, a ela subordinadas). A primeira creche, no Butantã, pôde contar com uma concentração populacional "privilegiada", mas há o temor de que bairros mais carentes (a ideia é construir uma creche nos bairros de cada um dos 50 distritos policiais) não tenham a mesma sorte.

A idealização do Projeto Marco é bastante ambiciosa. Sua base principal é a extrema participação comunitária, o que é mais difícil de se conseguir. Mas Sônia Marcicano está muito entusiasmada com o plano e acredita na participação da comunidade: "De doação, nós aceitamos até reza."

Além da construção da creche-mãe, o projeto prevê ainda as creches-satélites, que serão construídas "até enconstadas em paredes de casas, com a máxima criatividade". Essas creches-satélites gravitarão em torno da creche-mãe. As diretoras das creches-satélites serão mães da região, formadas em um curso feito na creche-mãe. Os médicos, assistentes sociais e dentistas da creche-mãe circularão e darão atendimento às crianças das creches-satélites.

COMPLETA PARTICIPAÇÃO

"As creches do Projeto Marco contarão com doações de remédios, utensílios, comida etc. Tudo o que puder ser doado será bem recebido. Nós já temos até profissionais se oferecendo como voluntários. Esperamos que as mães também disponham de algum tempo extra para trabalhar na creche. A participação comunitária tem de ser completa para que essas creches deem certo e no Butantã estamos sentindo isso", explicou Sônia Marcicano.

Anexo à creche do Butantã, foi construído o prédio da unidade diretiva do Projeto Marco, "com doações de empresários de toda a Capital". O prédio da administração tem 240 metros quadrados e custou cerca de Cr\$ 12 milhões. Ambos os prédios foram construídos com pré-moldados de conglomerado de madeira, revestidos com fibra de amianto, "mais caros do que os tijolos, mas mais rápidos de serem construídos, à prova de fogo e de crianças".

A direção do Projeto Marco apenas viabiliza a construção e a administração das creches. Extingue-se aí a participação do poder público no gerenciamento das unidades. A direção da creche será exercida por uma comissão formada na própria comunidade, que fará, ela própria, a triagem das crianças que deverão ser beneficiadas pelo empreendimento. "Isso elimina, entre outras coisas, o favorecimento político e a criação de um cabide de empregos nessas creches", informa a assessoria do GAP.

mas ficará na comissão

BRASÍLIA (NT) — O PMDB retirou-se ontem da votação para escolha do presidente e do vice-presidente da Comissão Mista que examinará o projeto com o qual o Governo pretende

A primeira das 50 creches do Projeto Marco — Multiplicação Regional Comunitária, no bairro do Butantã, está praticamente pronta e espera-se para meados de abril sua inauguração. Ontem cedo, membros do Grupo de Assessoria e Participação — Gap, do Governo do Estado, estiveram visitando as quase concluídas obras dessa primeira creche, que, com 520 metros quadrados de área construída, abrigará 120 crianças carentes da região e custou, com todo o equipamento, 25 milhões de cruzeiros. Tanto a construção do prédio quanto a manutenção da creche dependerão de doações e do voluntarismo de empresários do bairro e da comunidade em si. O Projeto Marco exige o poder público de obrigações, a não ser da cessão do terreno, que é da Prefeitura.

A próxima creche do projeto deverá ser construída no bairro do Ipiranga. A coordenadora dessa creche do Butantã, Sônia Marcicano, teme, porém, que

ela não tenha a mesma sorte da primeira: "O Butantã, um bairro com 600 mil habitantes e muitos empresários, é privilegiado. A mobilização da comunidade, aqui, está provando que São Paulo não é uma cidade fria. Todo mundo quer participar, mas não sabe como. Só espero que os outros 49 bairros tenham o privilégio que o Butantã tem."

PROJETO MARCO

O Projeto Marco é a aplicação, pelo Gap, de uma idéia surgida na reunião de um grupo de polícia comunitária (criada pelo mesmo Gap), no 15.º Distrito Policial (Itaim-Bibi). Essa idéia, desenvolvida em tempo recorde pelo Grupo de Assessoria e Participação, prevê a ajuda, por parte dos mais favorecidos de um bairro, na construção e administração de creches-mãe (que serão secundadas por creches-satélite, a ela subordinadas). A primeira creche, no Butantã, teve a sorte de contar com uma concen-

CRECHE DO PROJETO MARCO



F. F. F. 26/3/82

Sônia Marcicano, coordenadora da primeira creche

tração populacional "privilegiada", mas há o temor de que bairros mais carentes (a idéia é construir uma creche nos bairros de cada um dos 50 distritos policiais) não tenham a mesma sorte.

A idealização do Projeto

Marco tem por base principal a extrema participação comunitária, o que, todavia, em alguns bairros mais pobres, é um pouco mais difícil de se conseguir. Sônia Marcicano está entusiasmada com o plano e acredita na participação da

comunidade: "De doação, nós aceitamos até reza."

Além da construção da creche-mãe, o Projeto Marco prevê a construção das creches-satélite, que serão construídas "até encostadas em paredes de casas, com a máxima criatividade". Essas creches satélites ficarão gravitando em torno da creche-mãe. As diretoras dessas creches-satélite serão mães da região formadas por um curso feito na creche-mãe. Os médicos, assistentes sociais e dentistas da creche-mãe circularão e darão atendimento às crianças das creches-satélite.

COMPLETA PARTICIPAÇÃO

"As creches do Projeto Marco contarão com doações de remédios, utensílios, comida etc. Tudo o que puder ser doado será bem recebido. Nós já temos até profissionais se oferecendo como voluntários. Nós esperamos que as mães, também, disponham de algum tempo extra para trabalhar na

creche. A participação comunitária tem de ser completa para que essas creches deem certo e, no Butantã, nós estamos sentindo essa participação", completou a coordenadora da primeira creche.

Anexo ao prédio da creche do Butantã, foi construído o prédio da unidade diretiva do Projeto Marco, "com doações de empresários de toda a Capital" (o prédio da administração tem 240 metros quadrados e custou cerca de 12 milhões de cruzeiros). Ambos os prédios foram construídos com pré-moldados de conglomerado de madeira, revestidos com fibra de amianto, "mais caros do que os tijolos, mas mais rápidos de serem construídos, à prova de fogo e à prova de crianças."

A direção do Projeto Marco apenas viabiliza a construção e a administração das creches. Extingue-se aí a participação do poder público no gerenciamento das unidades.

Folha nº 17

Data 26/03/82

Pág. 1

Página n.º

N.º do recorte

Cobes anuncia medidas

O coordenador do Bem-Estar Social (Cobes), Wilson Quintela, afirmou, em resposta às denúncias do Movimento, que a Prefeitura está contratando novos funcionários para completar o quadro existente e também para as novas creches que serão inauguradas. Assim, estão sendo contratados 363 funcionários para as antigas creches e mais 1.056, nos próximos dois meses, para novas 24 unidades que deverão ser inauguradas até o dia 15 de maio, quando o prefeito deverá desincompatibilizar-se do cargo para candidatar-se ao governo do Estado.

Os horários de trabalho também serão mudados, e de 8 horas, o plantão mudará para 6h36, permitindo que certos períodos, onde havia lacuna de funcionários, sejam preenchidos. O quadro foi aumentado de 7 para 15 pagem cada creche. Haverá 2 auxiliares de cozinha e um cozinheiro, além de um auxiliar de enfermagem e um atendente, e não mais um ou outro, segundo o antigo esquema.

A respeito do problema de manutenção, Wilson Quintela confirmou que "este é o nosso maior abacaxi". Assegurou que estão sendo contratados mais funcionários para este serviço e que estão procurando sanar os principais problemas de estragos nas instalações, principalmente durante a construção, além de aperfeiçoamentos na parte de projeto. Com relação à falta de médicos, Quintela disse que as creches têm como objetivo um serviço de controle de saúde e não de atendimento, que deve ser proporcionado

pelos postos de saúde, tanto a nível municipal quanto estadual.

APENAS CONTROLE

Vagner Augusto Costa, único médico que atende as creches da Capital, acha que "o problema era não criar duplicidade de serviços. Existe uma rede de atendimento de saúde, um serviço montado, e não se justifica a criação de um atendimento paralelo. Se estes serviços funcionam ou não é um problema da área de saúde, contra o qual a comunidade deve lutar. O que nos propomos a oferecer é um controle epidêmico, sanitário e o encaminhamento para os postos, caso se constatem doenças".

Sobre outras denúncias apontadas, como a falta de azulejos e a precariedade de instalações, Quintela afirmou que tudo "pode ser creditado à nossa falta de experiência quando montamos o programa de creches. As distorções estão sendo corrigidas, e as novas creches já possuem os equipamentos exigidos. Quanto à promessa da Prefeitura, pretendemos cumpri-la até o final. Temos 113 creches funcionando, 64 estão em construção, 79 têm projeto pronto e, destas, 75 já possuem verba para construção. Faltam 44 para as 300 prometidas pelo prefeito, que até maio de 1983, faremos todo o possível para entregar à população". Quintela admitiu que está recebendo todo o apoio e incentivo do prefeito e reconheceu que o Programa de Creches é a pedra basilar do programa eleitoral do prefeito.



Integrantes do movimento afirmam que a manutenção dos prédios é precária.

Movimento critica o programa de creches

"O Programa de Creches da Prefeitura não visa ao atendimento das crianças, mas sim à propaganda eleitoral do prefeito." A afirmação é de Lurdes Peres, Maria Helena Brioschi e Vicentina Saraiva Pessoa, representantes do Movimento de Luta por Creches das Zonas Norte e Leste de São Paulo, que em entrevista coletiva, esta semana, denunciaram a precariedade do atendimento oferecido às mães da periferia. O principal problema apontado pelas representantes foi a falta de funcionários nas creches. A Coordenadoria do Bem-Estar Social da Prefeitura (Cobes), no entanto, garante que este problema está sendo sanado, com a contratação de novos funcionários para as creches existentes e para as que serão inauguradas até maio.

A falta de funcionários, segundo elas, implica no péssimo funcionamento das creches, pois reduz, inclusive, a capacidade de atendimento e o número de vagas. A creche do Jardim Colonial, segundo Maria Helena Brioschi, está atendendo apenas 28 crianças, embora tenha capacidade para 70, por falta de funcionários. Além disso, uma pajem contratada pela Prefeitura ganha cerca de Cr\$ 16 mil por mês, para trabalhar 8 horas por dia, atendendo cerca de 12 crianças ao mesmo tempo. Problemas físicos e psíquicos para as funcionárias, crianças irritadas, malnutridas e maltratadas são o resultado desta política de contenção de funcionários, no entender do Movimento.



Creches aguardam mais funcionários.

Vicentina Saraiva Pessoa, da Zona Leste, denunciou que não há serviço de manutenção nos prédios e que muitos aparelhos estão quebrados há meses, acarretando deficiência nos serviços e até o fechamento de algumas creches, por vários dias, quando o problema é de vazamento ou entupimento na canalização. O Movimento se queixa, ainda, da Cobes ter contratado um único médico para o atendimento das crianças de todas as creches, além de não ter, em seus quadros, psicólogas ou nutricionistas em número suficiente. A creche de Lausane Paulista, segundo os representantes, abriga, numa única sala, dezenas de crianças doentes, que convivem ao lado de crianças sãs, sem qualquer critério.

PAREDES RACHADAS

As creches também estão em péssimo estado de conservação, segundo Maria Helena Brioschi. Várias têm as paredes rachadas, o lactário (lugar onde se fazem as mamadeiras) consiste num simples balcão dentro da cozinha, misturado às panelas e utensílios onde se faz a comida, as paredes da cozinha e do banheiro não têm azulejos, como a própria Prefeitura exige para a aprovação de qualquer planta de residência, por uma questão de higiene. Os representantes do movimento denunciaram ainda que na creche Brás Leme, em Santana, as crianças só são aceitas se os pais apresentarem uma cartinha de deputado do PDS.

O Movimento queixa-se de estar completamente afastado da administração das creches, que constituem uma conquista da própria comunidade. Disse que seus representantes foram agredidos por funcionários da Regional de Santana quando foi inaugurada a creche da Bariléia, por portarem cartazes contendo suas reivindicações. As atividades programadas pelo Movimento para este dia, como um teatrinho e um comunicado que seria lido para os moradores, foram proibidos. O Movimento cobra, ainda, a antiga promessa do prefeito, de entregar 300 creches até o final de sua administração, mas, por enquanto, afirmam estar funcionando apenas

A luta de Eliane agora é de todas

IREDE CARDOSO

Faz um ano que Eliane de Grammont foi assassinada pelo cantor de boleros Lindomar Castilho. Há mortes que nos revoltam, historicamente, especialmente quando ocorrem porque as forças da opressão e da discriminação saem, momentaneamente, vitoriosas. Mas essa momentaneidade será perene, se a mobilização da sociedade não for muito forte. Porque o silêncio é cúmplice da impunidade. A impunidade, por seu turno, é o estímulo para que tudo continue a ser feito da mesma forma, para que barganhas escusas sejam feitas, para que consciências sejam compradas pelo dinheiro dos desumanos.

Quando as mulheres criaram o lema "quem ama não mata", elas deram seu recado mais forte para nossos tribunais, para nossos advogados, para os nossos jûris, todos eles até então mergulhados na inércia da ideologia que justifica a opressão como sendo "natural". Que se exprime pela "defesa da legítima honra", como se honra pudesse ser legitimada através do fogo aberto no corpo dos que desejam a igualdade e aspiram a viver suas próprias vidas. Dos que não se sentem mais propriedade de senhores prepotentes e agem para realizar suas aspirações. Quem ama não mata. Não foi uma frase dirigida apenas aos matadores de mulheres, mas aos assassinos de companheiros, em geral, que não conseguem senão apelar para o desespero ou para o frio extermínio do outro, na certeza da impunidade. E as mulheres têm sido os bodes expiatórios preferidos, na moda do sorrir com desdém quando acontece uma violência entre "amantes". Não são amantes aqueles que se relacionam através do desprezo, da mentira, do oportunismo e da exploração. São, antes, inimigos realmente mortais.

E as feministas conseguiram levantar esse problema, colocando-o em grande evidência. O recado, se não foi passado a todo mundo, atingiu os mais sensíveis. Vários assassinos de mulheres foram condenados. Alguns juizes e advogados fizeram magníficas manifestações, nas quais se percebia a mais fina sensibilidade com relação à questão da discriminação existente contra a mulher na sociedade. Aos que não acreditam, lembrem-se da mulher de 80 anos, estuprada por marginais. Alguém em sã consciência ainda acredita que um homem possa violentar uma mulher de 80 anos, por estar carente sexualmente? Não há aí uma vontade debochada de atingir alguém muito mais frágil, em ato de estúpida covardia? Uma vontade de ferir, de humilhar um ser considerado fraco e sem vontade própria?



Eliane, a grande vítima.

Há — e eu os conheço — aqueles que brincam com essas coisas. Por maior bom humor que possamos ter, há brincadeiras inaceitáveis. Espero que esses sorrisos maldosos se voltem às suas próprias avós e mães, para que imaginem o horror que há nas pessoas igualmente boçais dando risada das desgraças dos entes queridos. E, no caso de Eliane, além dela, há sua filha e, ainda sua mãe, que até hoje está sendo ameaçada de perder a criança para o assassino de Eliane.

Neste País, coisas atrozes acontecem todos os dias, todos os segundos. Perdemos Eliane, mas não perdemos a batalha de ver sua filha tranquila, vivendo nos braços da avó. Não poderemos mais admitir que o advogado de Lindomar levante sequer o surrado e ridículo argumento da defesa da honra ou que fale sobre a vida amorosa de Eliane.

Nós defenderemos durante toda a vida a vida afetiva livre das pessoas. Livre de imposições hipócritas, de laços mentirosos, de ameaças de espancamento ou assassinato. Nós, feministas, defenderemos não só a liberdade da democracia nas eleições, mas a liberdade mais ampla que se efetiva no dia a dia e que, essa sim, dignifica e dá sentido à verdadeira democracia.

O caso de Eliane é um elo a mais na cadeia de violências "afetivas" que vêm sendo conhecidas publicamente. Está no corpo de Iraídes, a que esquartejou o psicótico marido, depois de 12 anos de humilhações — corpo todo marcado por ferro em brasa, facadas, pancadas. Iraídes está grávida porque foi violentada por um carcereiro, em Barueri. Olhando esse mundo, aprendemos que o marquês de Sade era um anjo e que as Justinas da vida já acabaram, há muito tempo. O caminho das mulheres, nesse momento em que, em 20 anos triplica o número de trabalhadoras no País, bifurca-se nitidamente. Um deles é o do machismo, o da imitação do comportamento de violência ou da submissão, que permite a opressão. O outro é o da luta de construirmos nossa vida guiadas pelo sentimento de companheirismo, de igualdade, num relacionamento que não admite a agressão, de nenhum lado. Um comportamento que sabe, profundamente, que quem ama não mata, seja física, seja psiquicamente. Seremos livres e iguais para entender e experimentar o amor. E abominaremos, juntas, essa violência, contra a qual nos levantaremos, numa atitude que se incorporou em nossa luta e da qual Eliane já é um símbolo. Eliane morreu cantando uma frase do Chico, a que as mulheres começam a responder, antes de se engajarem em ligações autoritárias: "O que essa vida vai fazer de mim?..."